

Capitalismo e nacionalismo na longa duração: Hegemonia, crise e mobilização nacionalista em busca de Estado, 1492-2013⁺

Şahan Savaş Karataşlı*

Resumo: Este artigo analisa as dinâmicas históricas do nacionalismo em busca de Estado de 1492 a 2013. Ao sintetizar as visões de Gramsci sobre hegemonia com a perspectiva dos sistemas-mundo e o institucionalismo histórico, apresento um novo marco teórico que confere à crise, ao desenvolvimento desigual e à relação entre estrutura e agência, um lugar central na conceituação da mobilização nacionalista. Apresento também uma nova grande base de dados, a dos Movimentos Nacionalistas em Busca de Estado (SSNM, em inglês), que inclui dois conjuntos de dados únicos para a análise histórica do nacionalismo. O primeiro conjunto de dados inclui notícias que relatam as atividades nacionalistas em busca de Estado em todo o mundo, de 1804 a 2013, fazendo uso de reportagens internacionais. O segundo conjunto de dados é compilado a partir de fontes secundárias e inclui situações e conflitos revolucionários envolvendo movimentos em busca de Estado de 1492 a 1829. Combinando esses dois conjuntos de dados originais, a base de dados SSNM é um novo e rico recurso empírico para o estudo sociológico do nacionalismo em busca de Estado a partir de uma perspectiva de longo prazo e global. Padrões históricos e análise de regressão binomial negativa multivariada sugerem que os SSNM têm maior probabilidade de ocorrer durante períodos de financeirização, crise econômica, guerras interestatais, ocupação colonial e intensa agitação social.

Palavras-chave: Capitalismo. Geopolítica. Nacionalismo. Movimentos Sociais. Hegemonias Mundiais. Sistemas-Mundo.

Abstract: This article analyzes the historical dynamics of state-seeking nationalism from 1492 to 2013. By synthesizing Gramsci's insights of hegemony with world-systems perspective and historical institutionalism, I introduce a new theoretical frame that gives crisis, uneven development, and the relationship between structure and agency, a central place in conceptualizing nationalist mobilization. I also introduce a new major database, that is, The State-Seeking Nationalist Movements (SSNM) database, which includes two unique datasets for historical analysis of nationalism. The first dataset includes articles reporting on state-seeking nationalist activities throughout the world from 1804 to 2013 using international news reports. The second dataset is compiled from secondary sources and it includes revolutionary situations and conflicts involving stateseeeking movements from 1492 to 1829. Combining the two original datasets, the SSNM database is a rich new empirical resource for the sociological study of state-seeking nationalism from a long term and global perspective. Historical patterns and multivariate negative binomial regression analysis suggest that SSNM are more likely to take place during periods of financialization, economic crisis, interstate wars, colonial occupation, and intense social unrest.

Keywords: Capitalism, geopolitics, hegemony, nationalism, social movements, world hegemonies, world-systems

Resumen: Este artículo analiza la dinámica histórica del nacionalismo en búsqueda de Estado desde 1492 hasta 2013. Al sintetizar las ideas de Gramsci sobre la hegemonía con la perspectiva del sistema-

⁺ Tradução de Raquel Coelho. Publicado originalmente em *International Journal of Comparative Sociology*, 2020, Vol. 61(4), p. 233–263 (Sage) com o título *Capitalism and nationalism in the longue durée: Hegemony, crisis, and state-seeking nationalist mobilization, 1492–2013*, este artigo foi premiado pela seção Economia Política dos Sistemas-Mundo (PEWS) da American Sociological Association em 2021.

* Professor do Departamento de Sociologia na Universidade da Carolina do Norte em Greensboro (EUA).

mundo y el institucionalismo histórico, introduzco un nuevo marco teórico que otorga a la crisis, al desarrollo desigual y a la relación entre estructura y agencia un lugar central en la conceptualización de la movilización nacionalista. También introduzco una nueva e importante base de datos, a saber, la base de datos Movimientos Nacionalistas en Búsqueda de Estado (SSNM en inglés), que incluye dos conjuntos de datos únicos para el análisis histórico del nacionalismo. El primer conjunto de datos incluye artículos que informan sobre las actividades nacionalistas en búsqueda de Estado en todo el mundo desde 1804 hasta 2013, utilizando informes de noticias internacionales. El segundo conjunto de datos se ha elaborado a partir de fuentes secundarias e incluye situaciones y conflictos revolucionarios relacionados con movimientos de búsqueda de Estado desde 1492 hasta 1829. Al combinar los dos conjuntos de datos originales, la base de datos SSNM constituye un nuevo y rico recurso empírico para el estudio sociológico del nacionalismo en búsqueda de Estado desde una perspectiva global y a largo plazo. Los patrones históricos y el análisis de regresión binomial negativa multivariante sugieren que es más probable que el SSNM tenga lugar durante los periodos de financiarización, crisis económica, guerras interestatales, ocupación colonial e intenso malestar social.

Palabras-clave: Capitalismo, Geopolítica, Nacionalismo, Movimientos sociales, Hegemonías mundiales, Sistemas Mundiales.

Introdução

Desde o final da Segunda Guerra Mundial até o final dos anos 1990, a posição dominante na literatura das ciências sociais era de que a longa marcha do nacionalismo na história mundial estava chegando ao fim (CARR, 1945; DEUTSCH, 1953; HOBSBAWM, 1992; MCNEILL, 1986). O inesperado ressurgimento dos movimentos nacionalistas secessionistas na Europa Ocidental e na América do Norte nos anos 1970, e o súbito colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e dos países do bloco oriental no início dos anos 1990, foram acontecimentos recebidos, em grande parte, com surpresa e inspiraram uma nova rodada de debates acadêmicos sobre a dinâmica do nacionalismo (ANDERSON, 1991; BREUILLY, 1993; BRUBAKER, 1996; HUTCHINSON, 2005), a formação do Estado-nação (MEYER *et al.*, 1997; ROEDER, 2007; WIMMER e FEINSTEIN, 2010), e os conflitos armados étnico-nacionalistas (FEARON e LAITIN, 2003; WIMMER, CEDERMAN e MIN, 2009). Desde então, surgiu uma vasta literatura sobre nacionalismo. Essa literatura analisou muitos elementos interessantes dos movimentos nacionalistas, incluindo a sua relação com raízes étnicas primordiais/pré-modernas e identidades (GAT e YAKOBSON, 2013; SMITH, 1995; VAN DEN BERGHE, 1987), modernização econômica e industrialização (GELLNER, 1983; HOBSBAWM, 1992), globalização (CASTELLS, 2004; KALDOR, 2004), modernização política e centralização do poder estatal (HECHTER, 2000; LACHMANN, 2010; MANN, 1995; TILLY, 1990) e difusão de ideologias nacionalistas e de Estados-nação (MEYER *et al.*, 1997; WIMMER, 2013).

Há duas grandes limitações dessa literatura, uma teórica e outra metodológica. A limitação teórica é a falta de atenção dada à relação entre crise e nacionalismo. Até agora, nenhuma das principais teorias do nacionalismo se propôs seriamente à tarefa de examinar como as crises nas esferas econômica, política e social afetam a mobilização nacionalista nos níveis local, nacional ou dos sistemas-mundo. Na maioria dos estudos clássicos sobre a evolução histórica do nacionalismo, o termo “crise” nem sequer aparece como um conceito, muito menos como um processo explicativo, um mecanismo ou uma variável independente (por exemplo, ANDERSON, 1991; GELLNER, 1983; HOBSBAWM, 1992; TILLY, 1990). Esse é um ponto cego grave na literatura, porque muitos fatores explicativos nos quais os cientistas sociais se baseiam – como identidades étnico-nacionais ou religiosas relativamente estáveis, ou o desenvolvimento gradual de processos históricos macroestruturais, como modernidade, industrialização, ou globalização – não podem explicar ou prever os altos e baixos sucessivos na mobilização nacionalista. Tendo em vista que a mobilização nacionalista ocorre de forma descontínua e em intervalos irregulares, para melhor

captar sua dinâmica histórica, devemos voltar nossa atenção para (1) múltiplas formas de crise nas esferas econômica, política e social, (2) desenvolvimento temporal e espacial desigual do capitalismo histórico que produz tais crises, e (3) existência de organizações que transformam essas crises em oportunidades.

A limitação metodológica está ligada ao âmbito espacial restrito e ao intervalo temporal curto da maioria das análises empíricas existentes sobre o tema. Devido à capacidade camaleônica do nacionalismo (SMITH, 1995) de se transformar e se adaptar a contextos temporais e espaciais muito diferentes, as dinâmicas da mobilização nacionalista não podem ser generalizadas a partir de estudos que consideram apenas tipos específicos de movimentos nacionalistas em determinados pontos no espaço e no tempo. Embora tais estudos de caso e análises comparativas sejam inestimáveis para produzir novas perspectivas e interpretações inovadoras sobre as dinâmicas do nacionalismo no nível local, eles não são muito úteis para observar e identificar fatores macroestruturais que afetam a mobilização nacionalista no nível global (ver KAUP e GELLERT, 2017). Recentemente, têm surgido muitas iniciativas para superar essa limitação, através da elaboração de conjuntos de dados de longo prazo e globais sobre o nacionalismo (ver BERGESEN e SCHOENBERG, 1980; GLEDITSCH e WARD, 1999; GURR, 1993; WIMMER e MIN, 2006). No entanto, a maioria desses conjuntos de dados concentra-se em incidentes exitosos na formação de Estados-nação, guerras étnico-nacionalistas ou tipos específicos de movimentos, tais como os nacionalismos de cunho anticolonial e étnico. Consequentemente, acabam por excluir muitos casos de mobilização nacionalista ao redor do mundo, incluindo as mobilizações nacionalistas fracassadas e os movimentos que fazem uso de uma ampla variedade de atividades, tais como comícios democráticos, protestos em massa, referendos e motins nacionalistas.

Este artigo visa repensar a dinâmica da mobilização nacionalista na história mundial, superando essas duas limitações. Para superar a limitação teórica, apresentarei os pilares para uma nova abordagem alternativa que atribui à crise, ao desenvolvimento desigual e à relação entre estrutura e agência, um lugar central na conceitualização da mobilização nacionalista. Partindo dos *insights* de Antonio Gramsci (1971) sobre hegemonia, da teoria de Giovanni Arrighi (1994) sobre os “ciclos sistêmicos de acumulação” e das teorias histórico-institucionalistas do nacionalismo (LACHMANN, 2010; WIMMER, 2013), esse marco teórico visa explicar a ascensão e queda da mobilização nacionalista em busca de Estado na história mundial, ao voltar nossa atenção para a forma como as crises nas esferas econômica, política e social produzem oportunidades estruturais para a mobilização nacionalista em níveis local e global.

Para superar a limitação metodológica, estenderei o marco espaço-temporal de análise para além do que é recorrente na literatura e examinarei padrões de movimentos nacionalistas desde 1492 até o presente. Como elaborarei na seção seguinte, neste artigo, conceitualizo o nacionalismo como uma forma de luta pelo poder que se manifesta como duas formas opostas de movimentos – o nacionalismo de Estado e o nacionalismo em busca de Estado – ambos os quais evoluíram lado a lado com o capitalismo histórico e o sistema interestatal moderno. Para efeitos deste artigo, limitarei a minha análise empírica sobre os Movimentos Nacionalistas em Busca de Estado (SSNM, em inglês), que defino como *movimentos sociopolíticos de comunidades apátridas que visam estabelecer um Estado independente num sistema interestatal e, assim, produzir uma convergência de lealdade territorial e política em torno do seu Estado, independentemente de focos concorrentes de vínculos como parentesco, religião, interesse econômico, etnia, raça ou língua* (ver HAAS, 1986; TILLY, 1994).

Como não existe um conjunto de dados que enfoque os SSNM para todo esse período, neste artigo também apresentarei uma nova e importante base de dados sobre mobilização nacionalista no mundo entre 1492 e 2013. A base de dados SSNM consiste em dois conjuntos de dados originais compilados pelo autor. O primeiro conjunto de dados inclui reportagens do *The Guardian/Observer* e do *The New York Times* sobre atividades nacionalistas em busca de Estado – incluindo uma ampla lista de ações levadas a cabo pelos nacionalistas em busca de Estado, tais como conflitos armados, comícios e protestos pró-independência, propostas de referendo, movimentos de massas violentos ou pacíficos exigindo a libertação nacional – por todo o mundo entre 1804 e 2013. O segundo é compilado a partir de fontes secundárias e inclui uma lista de situações e conflitos revolucionários envolvendo SSNM dentro dos limites do moderno sistema-mundo de 1492 a 1839. Combinando os dois conjuntos de dados originais, a base de dados SSNM é um novo e rico recurso empírico para o estudo sociológico do nacionalismo em busca de Estado a partir de uma perspectiva global e de longo prazo.

Após explicar o processo de coleta de dados e descrever a trajetória histórica e as ondas globais de nacionalismo de 1492 a 2013, usarei uma análise de regressão multivariada para analisar fatores que afetam a frequência dos SSNM de 1816 a 2001. A análise sugere que grandes ondas de mobilização nacionalista em busca de Estado em escala mundial são mais propensas a emergir durante períodos de expansão financeira e crise hegemônica mundial. Além disso, crises econômicas intensas, guerras interestatais no território (manifestações de crises geopolíticas) e agitação social crescente (um substituto para crise social) aumentam a probabilidade de nacionalismo em busca de Estado. A existência de organizações nacionalistas, status de dependência

imperial, formação recente de Estados-nação, ou mobilização nacionalista em busca de Estado em territórios vizinhos também aumenta a probabilidade de nacionalismo em busca de Estado. Concluo discutindo como a nova teoria, e os novos dados (SSNM) apresentados neste artigo avançam a nossa compreensão da dinâmica do nacionalismo na história mundial.

Conceitualizando o nacionalismo a partir de uma perspectiva histórica mundial

Um dos principais problemas na literatura é que o termo nacionalismo é usado para descrever dois tipos quase opostos de fenômenos sociopolíticos. Por um lado, é usado para descrever movimentos realizados por Estados (ou elites estatais) que visam acumular mais poder através da união de seus sujeitos em um único corpo coletivo e mobilizá-los contra inimigos internos ou externos, ou mesmo para fins de produção, proteção e administração. Por outro lado, o termo nacionalismo também é usado para descrever movimentos por parte de comunidades apátridas que almejam formar um novo Estado para se emanciparem de um governo estrangeiro ou para resolverem seus problemas políticos, econômicos e culturais através da autodeterminação. Esses são tipos de movimentos nacionalistas interligados, mas categoricamente diferentes. Usando a terminologia oferecida por Tilly (1994, p. 133), chamarei esses dois movimentos respectivamente de “nacionalismo de Estado” e “nacionalismo em busca de Estado”.

Existe um antagonismo inerente entre as formas de nacionalismo de Estado e em busca de Estado. Enquanto o primeiro está preocupado em preservar a integridade territorial dos Estados existentes num sistema interestatal, o segundo desafia a integridade dos Estados. Essa tensão histórica entre as duas formas distintas de nacionalismo é parte integral da coevolução da economia-mundo capitalista e do sistema interestatal moderno, ambos constituindo aquilo a que Wallerstein (1974) denominou de moderno sistema-mundo. A coevolução histórica dessas duas formas antitéticas de nacionalismo lado a lado com o moderno sistema-mundo, afetou a sua relação *vis-à-vis* com esse sistema de formas opostas. Diferentes manifestações do nacionalismo de Estado evoluíram como forças *pró-sistêmicas* que emergiram como um produto da hierarquia do sistema interestatal (PHILLIPS e WALLERSTEIN, 1985; WALLERSTEIN, 1991) e reproduziram, em contrapartida, a natureza territorialmente delimitada desse sistema. Em contraste, as diferentes formas de nacionalismo em busca de Estado – como os movimentos de libertação nacional e o nacionalismo anti-colonial – evoluíram como *movimentos antissistêmicos* (WALLERSTEIN, 1983). Juntamente com os movimentos sociais de classe, os SSNM representavam uma grande ameaça à integridade dos membros existentes do sistema interestatal, porque eles

“[...] buscavam a criação de um estado integralmente novo, seja por secessão ou por integração” (ARRIGHI, HOPKINS e WALLERSTEIN, 1989, p. 32).

A distinção entre nacionalismo em busca de Estado e nacionalismo de Estado não é necessariamente uma distinção entre boas e más formas de nacionalismo. Ambas essas formas podem ser democráticas ou autoritárias, progressistas ou reacionárias, reformistas ou revolucionárias, violentas ou pacíficas. Além disso, essas duas formas opostas de nacionalismo estão dialeticamente relacionadas entre si, visto que elas produzem e reproduzem uma a outra. Um dos principais paradoxos dos SSNM é que, conforme eles se tornam exitosos no estabelecimento de novos Estados e se aderem ao sistema interestatal existente, eles passam a emular formas nacionalistas de Estado pró-sistêmicas. Ao fazer isso, no longo prazo, eles também acabam “[...] reproduzindo a economia-mundo capitalista, ampliando e aprofundando seu plano de operações interestatais” (ARRIGHI, HOPKINS e WALLERSTEIN, 1989, p. 53; ver também WALLERSTEIN, 1983, p. 101). Da mesma forma, à medida que os nacionalistas de Estado se empenham em acumular mais poder no sistema interestatal, muitas vezes acabam oprimindo e antagonizando populações minoritárias concentradas geograficamente, plantando, assim, as sementes para novos SSNM.

Hegemonia, crise e nacionalismo

Os conflitos entre governantes e populações concentradas geograficamente não são produtos do capitalismo. Eles existiram provavelmente desde a emergência dos primeiros Estados que conhecemos na antiga Mesopotâmia. A formação do sistema-mundo capitalista, porém, transformou radicalmente a natureza desses conflitos de duas maneiras. Primeiro, os Estados existentes começaram a operar dentro de um sistema interestatal no qual cada Estado reconhecia e competia entre si. Segundo, os governantes desses Estados começaram a empregar combinações diferentes de coerção e consentimento para exercer o poder estatal e representar os interesses particularistas de seu Estado como interesses gerais do povo. Dito de outro modo, eles começaram a exercer o poder estatal não através da força bruta, mas através do que Gramsci (1971) chamou de “hegemonia”. Esses dois desdobramentos reforçavam-se mutuamente. Contrabalançar coerção com diferentes graus de consentimento não só ajudou os governantes a mobilizar as massas de forma mais eficaz – para fins de produção, proteção e administração, mas também lhes deu uma vantagem comparativa na competição econômica e militar contra outros Estados do sistema interestatal. Através da competição, estratégias hegemônicas exitosas foram reproduzidas por outros governantes e adaptadas a novos contextos.

Essas várias estratégias hegemônicas também ajudaram os governantes a produzir Estados nacionais mais estáveis ao conterem com mais eficiência as ameaças internas e os “problemas nacionais”. As pesquisas comparativas históricas existentes corroboram essa visão ao sugerir que a repressão militar não é suficiente para produzir entidades políticas estáveis e evitar rebeliões nacionalistas. Para produzir “Estados nacionais” estáveis, os governantes também devem oferecer ao seu povo – especialmente às minorias concentradas geograficamente – bens públicos (WIMMER, 2013), direitos político-econômicos (GURR, 1993; HECHTER, 2013) e um certo grau de autonomia (HECHTER, 2000). Essas ofertas podem ser consideradas como esforços dos governantes para estabelecer diferentes formas de “pactos sociais” (MILTON, 2007; SILVER, 2003) entre o Estado e o povo. Em Estados onde há “problemas nacionais” ativos, tais pactos sociais podem ajudar os governantes a reduzir temporariamente as reivindicações de autogovernança e independência por parte de grupos minoritários e, assim, fortalecer a hegemonia do Estado sobre o povo (ver MILTON, 2007).

Porém, numa economia-mundo capitalista e num sistema interestatal competitivo, os governantes não são capazes de exercer uma combinação eficaz de coerção e consentimento segundo sua vontade. Isso porque a capacidade dos governantes para estabelecer pactos sociais depende em grande medida dos recursos disponíveis a eles. A disponibilidade de tais recursos está estreitamente associada aos *booms* e estouros do capitalismo histórico e ao seu desenvolvimento desigual em escala mundial. É por isso que os períodos de intensa *crise econômica e estagnação* não são propícios para estabelecer novos pactos sociais ou manter os existentes. Mesmo em regiões com altos níveis de desenvolvimento econômico, uma crise econômica prolongada e estagnação podem reduzir os recursos disponíveis para redistribuição e pressionar os governantes a *desmanchar os pactos sociais existentes*, reduzindo assim sua capacidade de conter a agitação social (SILVER, 2003) e os movimentos nacionalistas (MILTON, 2007).

Além das crises econômicas e da estagnação, as crises geopolíticas (como guerras interestatais, rivalidades entre grandes potências) também afetam a mobilização nacionalista em busca de Estado ao reduzir a capacidade dos governantes de combinar eficientemente coerção e consentimento. Na sequência das grandes guerras, como disse Gramsci (1971, p. 80), “[...] abriram-se brechas por todo o lado no aparato hegemônico, e o exercício da hegemonia tornou-se permanentemente difícil e aleatório”. Durante tais crises e guerras, os governantes enfrentam dificuldades crescentes no uso eficaz da coerção contra ameaças internas, incluindo contra os movimentos nacionalistas em busca de Estado. Nesses períodos, as potências imperiais e os Estados rivais são mais propensos a prover ajuda logística e material aos SSNM para

enfraquecer seus oponentes (GURR, 1993; MAYALL, 1994), o que serve como oportunidade para a mobilização nacionalista em busca de Estado. Ademais, os custos econômicos da guerra, as necessidades de centralização em tempos de guerra e a extração de recursos locais também podem forçar as elites existentes a desmantelar privilégios econômicos, sociais e políticos previamente concedidos, acarretando fortes insatisfações que podem ser usadas pelos nacionalistas em busca de Estado para mobilizar as massas. Consequentemente, à semelhança das crises econômicas, as crises geopolíticas e as guerras também se tornam terrenos férteis para revoltas, rebeliões e revoluções em geral (LÊNIN, 1963; SKOCPOL, 1979) e, em particular, para a mobilização nacionalista em busca de Estado (WIMMER, 2013).

A escalada da crise social e os elevados níveis de agitação social num determinado território também podem aumentar a probabilidade de mobilização nacionalista em busca de Estado ao enfraquecer a capacidade hegemônica dos governantes. A relação entre os movimentos sociais e os movimentos nacionalistas (em busca de Estado) é complexa. Por vezes, esses movimentos podem reforçar-se mutuamente através da troca de ideias, formas de atividade pública, veículos organizacionais, símbolos e *slogans* de outros movimentos sociais (MARKOFF, 1996) ou aderindo a uma força revolucionária mais ampla (ver SILVER e SLATER, 1999), como os bolcheviques conseguiram durante a Revolução de Outubro, e numa escala mais ampla após o Congresso de Baku de 1920.

Entretanto, como William G. Martin (2008, p. 169) observa corretamente, “[...] networks e intercâmbios entre [diferentes tipos de movimentos antissistêmicos] nem sempre produzem (como é frequentemente assumido) relações cooperativas ou oportunas entre os movimentos”. Dessa forma, uma análise da relação entre movimentos sociais e movimentos nacionalistas (em busca de Estado) deve considerar cuidadosamente os vários antagonismos existentes entre eles. Ao afirmar isso, não temos que pressupor necessariamente a existência de relações cooperativas e oportunas entre movimentos para sugerir que a escalada de movimentos sociais pode ajudar na mobilização nacionalista em busca de Estado. Como mostra a retomada recente dos movimentos secessionistas em Donetsk e Luhansk após os protestos da Maidan em 2013 e a revolução ucraniana de 2014, os movimentos em busca de Estado também podem emergir como uma *reação* às revoluções sociais existentes. Fortes movimentos sociais, revoltas e rebeliões também fornecem um ambiente mais propício à mobilização nacionalista em busca de Estado, *independentemente de sua intenção*, se eles forem capazes de desestabilizar os aparatos estatais vigentes (GOLDSTONE, 2014; SKOCPOL, 1979). Como Beissinger (2002) observa no caso dos movimentos nacionalistas na URSS de 1988 a 1992, muitos SSNM conseguem “seguir a maré” do

conflito gerado por outros atores e movimentos. Contudo, o mais importante é que há uma linha ainda mais tênue entre os movimentos sociais e o nacionalismo em busca de Estado do que é geralmente visto na literatura. Como Gramsci observa no sul da Itália, os *problemas nacionais* não se manifestam necessariamente de uma forma direta e imediata como nacionalismo em busca de Estado, mas primeiramente como movimentos sociais que abordam as desigualdades e injustiças existentes (ver também SMITH, 1971; WALLERSTEIN, 1961). Para usar as famosas categorias de Albert Hirschman (1970), às vezes a secessão torna-se uma estratégia de “saída” para os movimentos sociais concentrados geograficamente quando estes percebem que suas “vozes” não serão ouvidas pelos governantes e a “lealdade” já não é mais uma opção.

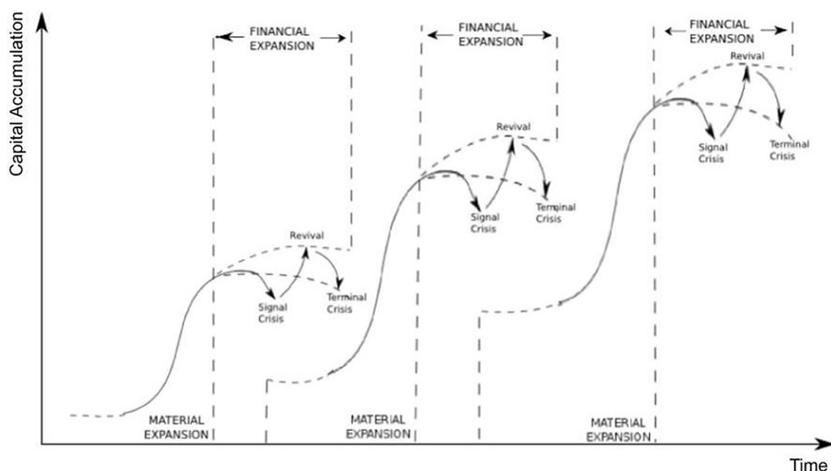
A financeirização e a crise hegemônica mundial

Considerando corretos esses argumentos, conseqüentemente os períodos de financeirização da economia-mundo capitalista também serão muito propícios para a mobilização em busca de Estado. Embora seja amplamente discutida como um fenômeno novo e recente por economistas e sociólogos econômicos, a financeirização é, na verdade, uma característica recorrente do capitalismo histórico desde o século XIV até hoje. Com base nas observações e ideias do historiador francês Fernand Braudel (1992), Giovanni Arrighi (1994) argumenta que todas as principais [organizações capitalistas] governos-empresas comerciais do capitalismo histórico, desde a época das cidades-estado do norte da Itália no século XIV até os Estados Unidos no século XX, conduziram o mundo a um período de financeirização a partir do momento em que se tornou extremamente difícil sustentar altas taxas de lucro na produção e comércio, devido ou a um aumento da concorrência ou a uma crise de superacumulação. Essas crises estruturais que impulsionam os principais complexos empresariais e governamentais da economia-mundo capitalista a financializar a economia mundial são conhecidas como *crises sinalizadoras*.

Os períodos de expansão financeira geram temporariamente superlucros, principalmente através da especulação financeira e intermediação, e ajudam a produzir no curto prazo uma Era de Ouro (ou seja, uma *belle époque*) correspondente aos principais complexos empresariais e governamentais. No entanto, eles possuem vários efeitos negativos a médio prazo. Nesses períodos, a economia política internacional transforma-se num jogo de soma zero assolado por crises (ARRIGHI, 1994; WALLERSTEIN, 1974), a competição e a rivalidade entre empresas disparam (ARRIGHI, 1994; ARRIGHI e SILVER, 1999; GO, 2011), as crises sociais e políticas no mundo intensificam-se, e revoluções irrompem (SILVER e SLATER, 1999). Essas crises

interligadas tornam-se sintomas de crises hegemônicas mundiais (ARRIGHI e SILVER, 1999; CHASE-DUNN, KAWANO e BREWER, 2000), sinalizando o início da dissolução de ordens hegemônicas mundiais. Ao invés de solucionar de vez as *crises sinalizadoras*, as expansões financeiras acabam gerando crises mais profundas, conhecidas como *crises terminais*, as quais marcam o fim de uma hegemonia mundial e a transição para uma nova ordem mundial. Os períodos de expansão financeira, e o conseqüente aprofundamento do *caos* sistêmico, são também os períodos em que surgem as *condições prévias* para uma nova expansão material, ciclo sistêmico de acumulação e ordem hegemônica, como mostrado na Figura 1 e no Quadro 1.

Figura 1. Ciclos sistêmicos de acumulação capitalista



Fonte: Elaboração própria

Quadro 1. Datas aproximadas para a crise sinalizadora, crise terminal e o fim de cada período

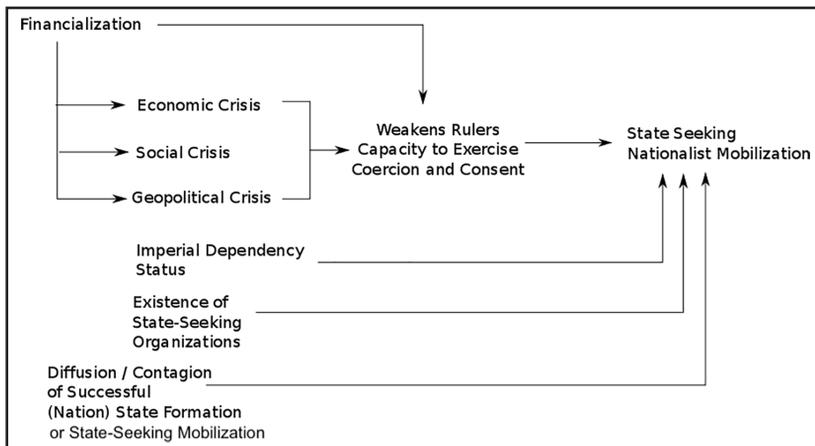
	Beginning of the systemic cycle of accumulation	Beginning of the world hegemonic order	Signal crisis (the onset of hegemonic crisis and the beginning of the hegemonic transition)	Terminal crisis (beginning of the "Chaos" period of the hegemonic transition)	End of hegemonic transition and the systemic cycle of accumulation
	Material expansion		Financial expansion		Material expansion
	Financial expansion		Financial expansion		Material expansion
Genoese-Iberian systemic cycle (no world hegemony)	1450	N/A [1492/1494] ^a (Peace of Tordesillas)	1560	1625	N/A [1648] ^a
Dutch systemic cycle and Dutch world hegemony	1560	1648 (Peace of Westphalia)	1760	1790	1815
British systemic cycle and British world hegemony	1760	1815 (Congress of Vienna)	1873/1896	1929	1945
US systemic cycle and US world hegemony	1873	1945 (Foundation of the United Nations)	1973/1980	2007/2008 ^b	N/A

See Arrighi (1994) for a timeline that illustrates these periods. These are approximate dates. In the statistical analysis, to assess whether or not the findings are robust to the dates chosen, I replicated the same analysis presented in this article using alternate date combinations (5 years). Results are robust.

^aGenoese-Iberian systemic cycles did not create an Iberian-centered world hegemony in the capitalist world-economy. Thus, there are no beginning and end dates for world hegemonic orders. Yet, in our analysis, to be able to compare state-seeking movements in this period to other "hegemonic consolidation" and "hegemonic transition" periods, we will treat 1492–1560 period as era, which is analogous to an era of world hegemonic consolidation; and the period from 1560 to 1648 as an era which is analogous to world hegemonic transition.

^bBecause the crisis of the US world hegemony is an ongoing process, it is not possible to assess a date for its terminal crisis or to state whether there will be a terminal crisis. Recognizing this fact, however, Silver and Arrighi (2011) suggest that the recent 2007/2008 crisis has resemblances with terminal crisis of previous world hegemonies.

Figura 2. Financeirização, crise e mobilização nacionalista em busca de Estado



Fonte: Elaboração própria

Com base nessas observações, defendo que a expansão financeira e os períodos de crise/transição hegemônica mundial também devem produzir um clima macroestrutural mais favorável às organizações nacionalistas em busca de Estado para mobilizar as massas do que os períodos de expansão material e de consolidação hegemônica mundial. Isso porque esses períodos da história reduzem a capacidade dos governantes de usar efetivamente a coerção e o consentimento no nível local. Como mostrado na Figura 2, alguns dos efeitos da expansão financeira/transição hegemônica mundial nos SSNM se dão através da intermediação de (1) crises econômicas, (2) crises geopolíticas, e (3) crises sociais em nível local. Alguns dos seus efeitos, contudo, não podem ser reduzidos apenas a essas crises. Períodos de financeirização têm propriedades *emergentes*. Ou seja, os efeitos combinados e interativos dessas múltiplas crises e conflitos são maiores e qualitativamente diferentes da soma de seus efeitos isolados. A financeirização produz *conjunturas contenciosas* no nível global devido às interações prolongadas de uma série de crises no mundo. Essas *conjunturas contenciosas* estão ligadas a essas crises e conflitos específicos, mas não podem ser reduzidas apenas a eles. Esses períodos sinalizam uma grande instabilidade no sistema-mundo, caracterizada pelo dismantelamento de pactos sociais, declínio da legitimidade da governança, mudanças sociais rápidas, aumento das ansiedades econômicas baseadas em *status* e oportunidades de independência identificadas por organizações nacionalistas em busca de Estado.

No entanto, essas oportunidades estruturais desaparecem com a emergência de

uma nova ordem mundial hegemônica. A reconstituição do sistema interestatal (isto é, após a Paz de Westfália em 1648, o Congresso de Viena em 1815, ou a criação das Nações Unidas em 1945), o estabelecimento de uma nova hegemonia mundial (ou seja, as hegemônias mundiais holandesa, britânica, e americana) e o simultâneo fim da financeirização e início de um novo período de expansão material do comércio e da produção criam condições favoráveis para que os governantes derrotem movimentos secessionistas pela força bruta e/ou os cooptem através da distribuição de novos direitos ou privilégios. Consequentemente, a frequência dos SSNM diminui durante esses períodos nas regiões que se beneficiam de estabilidade geopolítica e crescimento econômico.

Em suma, a alternância regular de períodos de expansão material e financeira (ou hegemonia e crise hegemônica) em nível mundial produz ondas globais sucessivas de SSNM durante a *longa duração* do capitalismo histórico. Se este argumento estiver correto, traria não só uma nova explicação ao agrupamento global de movimentos nacionalistas – observados por muitos sociólogos macro-históricos, como Frank e Fuentes (1990), Calhoun (1997), Silver e Slater (1999), Boswell e Chase-Dunn (2000) e Martin (2008), para citar alguns – mas também uma nova interpretação da teoria de Lênin (1963) que liga a ascensão dos movimentos de libertação nacional à dominação do *capital financeiro* durante a era do *imperialismo* (ver também SMITH, 1971). Semelhante à teoria de Lênin, a perspectiva apresentada neste artigo também explica por que os períodos do capitalismo dominado pelo capital financeiro são propensos a revoluções sociais e movimentos de libertação nacional. Porém, diferentemente da abordagem de Lênin, nesta conceitualização, a dominação do capital financeiro *não é o estágio mais alto*, mas uma *fase recorrente* do capitalismo histórico. Assim, em vez de uma *era de libertação nacional*, assistimos a *sucessivas ondas globais de mobilização nacionalista em busca de Estado*.

Agência, desenvolvimento desigual e colonização

É importante notar que essas oportunidades estruturais proporcionadas por múltiplas formas de crises não se transformarão automaticamente em SSNM, a menos que existam organizações nacionalistas de base, aguardando para explorar tais oportunidades de mobilização. A existência de organizações nacionalistas é necessária para articular esses problemas através do prisma de uma ideologia nacionalista (ênfatisando a necessidade de se formar um Estado separado como solução) e para mobilizar as pessoas para uma estratégia de *saída*. Entretanto, a existência de tais organizações não garante necessariamente que as pessoas as seguirão. Embora a multiplicidade de crises explicadas acima sirva como importante oportunidade estrutural, outro aspec-

to igualmente importante de tal mobilização é a percepção das pessoas em relação à independência – ou formação de fortes movimentos – como sendo uma possibilidade real. Historicamente falando, as pessoas se mobilizam mais facilmente em prol da independência quando outras nações começam a conseguir sua independência ou a iniciar fortes movimentos nesse sentido.

Finalmente, as regiões sob domínio imperial são mais propensas a produzir SSNM porque o domínio imperial se baseia principalmente na coerção, não no consentimento. Mas não podemos explicar adequadamente o padrão temporal-espacial das formas anticoloniais de SSNM sem lidar com o desenvolvimento desigual do capitalismo no espaço e no tempo. A literatura centrada na descolonização encontra fortes evidências de um aumento dos movimentos de descolonização durante períodos de hegemonias mundiais (BERGESEN e SCHOENBERG, 1980; BOSWELL, 1989; STRANG, 1991). Contudo, a investigação quantitativa que aplica essa teoria a todas as formas de nacionalismo no sistema-mundo não encontra provas robustas que sustentem essas alegações (WIMMER, 2013). Essa discrepância surge porque as dinâmicas no nível macro da descolonização periférica não podem ser aplicadas diretamente às dinâmicas no nível macro dos movimentos de nacionalismo em busca de Estado nas regiões centrais (ou semiperiféricas) devido às suas posições estruturais distintas na economia-mundo capitalista e no sistema interestatal. Uma vez que as regiões periféricas da economia mundial não se beneficiam plenamente das vantagens econômicas e políticas da fase de expansão material (ARRIGHI, 1994; WALLERSTEIN, 1974), as elites das colônias periféricas são incapazes de aumentar sua capacidade de consentimento durante esses períodos. Durante as hegemonias mundiais, elas também não se beneficiam de um ambiente geopolítico estável. Afinal, quando a paz entre as superpotências é estabelecida durante as hegemonias mundiais, a periferia muitas vezes se transforma em um campo de batalha para as rivalidades entre superpotências e para guerras por procuração. Além disso, quando uma nova hegemonia mundial é estabelecida, as novas potências hegemônicas tentam liquidar as colônias periféricas de potências hegemônicas rivais antigas ou contemporâneas e, assim, enfraquecer os seus adversários e obter a liderança num novo sistema interestatal. Dessa forma, devido ao desenvolvimento geográfico desigual do capitalismo, os SSNM nas regiões periféricas da economia-mundo – especialmente os movimentos nacionalistas anticoloniais – não diminuem durante os períodos de expansão material e consolidação hegemônica mundial, mas aumentam ainda mais.

Hipóteses

Todos estes argumentos podem ser formalmente expressos em termos das seguintes hipóteses:

H1. A probabilidade de SSNM aumenta em períodos de intensa crise econômica.

H2. A probabilidade de SSNM aumenta à medida que a guerra interestatal aumenta.

H3. A probabilidade de SSNM aumenta à medida que a agitação social aumenta.

H4. A probabilidade de SSNM aumenta durante períodos de expansão financeira e de crise hegemônica mundial.

H5. A probabilidade de SSNM aumenta com a existência de organizações nacionalistas em busca de Estado ativas.

H6. A probabilidade de uma mobilização nacionalista em busca de Estado aumenta com rodadas exitosas de formação de Estados-nação (e forte mobilização nacionalista em busca de Estado) dentro dos territórios vizinhos.

H7a. Ser uma colônia imperial aumenta a probabilidade de uma mobilização nacionalista em busca de Estado.

H7b. A probabilidade de uma mobilização nacionalista em busca de Estado nos territórios coloniais imperiais aumenta durante os períodos de expansão material.

Dados e métodos

Para avaliar a validade dessas hipóteses e para examinar a dinâmica da mobilização nacionalista em toda a história da economia-mundo capitalista, precisamos de um conjunto de dados confiáveis sobre a mobilização nacionalista. Na falta de dados confiáveis com escopo temporal e geográfico satisfatório, eu estruturei a base de dados dos SSNM através de um processo intenso de pesquisa e coleta de dados durante dez anos. Essa base de dados original sobre mobilização nacionalista em busca de Estado inclui dois grandes conjuntos de dados.

Conjunto de dados SSNM 1

O primeiro conjunto de dados inclui notícias que relatam um amplo espectro de atividades nacionalistas em busca de Estado em todo o mundo – incluindo comícios democráticos, protestos pacíficos, propostas de referendos e ações violentas, bem como guerras nacionalista-secessionistas – no período entre 1804 a 2013 utilizando os jornais *The Guardian/Observer* (1804-2013) e *The New York Times*

(1851-2013). Entre todos os jornais disponíveis nos arquivos digitais do *ProQuest Historical Newspapers*¹, escolhi o *The Guardian/Observer* e o *The New York Times* como fontes para este conjunto de dados devido ao seu (1) maior alcance temporal, (2) maior alcance geográfico de cobertura e (3) capacidade de produzir uma maior frequência de notícias publicadas sobre mobilização nacionalista em escala mundial. Uma consideração adicional foi o fato de estarem entre os principais jornais das potências hegemônicas mundiais (isto é, o Reino Unido e os Estados Unidos) nos últimos dois séculos cobertos pelo conjunto de dados. As potências hegemônicas mundiais, por definição, tomam o mundo inteiro como sua esfera de interesse ou influência; por isso, seus principais jornais relatam assuntos globais mais do que jornais de outros países (ver SILVER, 2003, p. 191).

Estratégia de busca. O conjunto de dados SSNM 1 é compilado (1) construindo uma cadeia de palavras-chave com operadores booleanos² e indicadores de truncamento, (2) conduzindo uma combinação de busca por título/resumo e texto completo nos arquivos digitais dos jornais selecionados e (3) lendo cada artigo para identificar os *verdadeiros positivos* (ou seja, reportagens geradas pela busca que são realmente sobre SSNM) e para codificar outras informações necessárias, como a data e o local do evento e o nome do Estado e a nação sem Estado envolvidos.

Eu usei {*secess* OR separat* OR nationalis* OR independen* OR autonom**} como a cadeia de palavras-chave principal³. Escolhi essa combinação de termos a partir de uma lista mais longa de potenciais palavras-chave devido à sua capacidade superior para (1) selecionar reportagens sobre formas de atividade nacionalista em busca de Estado, tais como secessão, separação, independência etc.⁴, e, assim, (b) minimizar a taxa de *falsos positivos* (ou seja, notícias que incluem essas palavras-chave mas não fornecem relatos sobre atividades de mobilização nacionalista

1 Os jornais considerados para este projeto foram *The New York Times*, *The Washington Post*, *The Christian Science Monitor*, *The Los Angeles Times* para os jornais americanos, e *The Guardian/Observer*, *The Times*, *The Financial Times*, e *The Daily/Sunday Telegraph* para os jornais britânicos. O *The Times* não estava disponível no ProQuest, mas em <<https://www.thetimes.co.uk/archive/>> e nos arquivos Gale.

2 Operadores booleanos são os termos “AND”, “OR” e “NOT” que são digitados entre palavras-chave quando são pesquisadas em uma base de dados para melhorar a qualidade, precisão e eficiência da pesquisa. O termo “AND” reduz a busca ao obter todas as palavras-chave que ele separa; “OR” amplia a busca ao obter qualquer uma das palavras que ele separa, e “NOT” reduz a busca ao obter os resultados que não incluem o termo que o segue.

3 Os asteriscos (*) utilizados na cadeia de palavras-chave são caracteres de truncamento utilizados para substituir um ou mais caracteres. Por exemplo, a palavra-chave *nationalis** obtém não só nacionalismo, mas também nacionalista, nacionalistas etc.

4 Com base em pesquisas preliminares, decidi incluir “autonomia” na cadeia de palavras-chave porque a maioria dos jornais históricos usa às vezes os termos independência e autonomia de forma intercambiável, especialmente até meados do século XX. Um evento é codificado como “falso positivo” quando o termo autonomia é usado para não significar independência política

em busca de Estado) no processo de coleta de dados.

Depois de testar várias estratégias alternativas, decidi usar uma combinação de busca por título e texto completo. A lógica e os procedimentos dessa estratégia de busca podem ser resumidos da seguinte forma: uma busca por texto completo utilizando {*secess* OR separat* OR nationalis* OR independen* OR autonom**} produz mais de 2,5 milhões de artigos do *The Guardian/Observer* e do *The New York Times* juntos. Essa frequência não só torna a estratégia de *codificação não-automatizada* extremamente improvável, mas também não vale o esforço porque a esmagadora maioria dessas notícias são falsos positivos. Minha análise preliminar mostrou que a probabilidade de a cadeia de palavras-chave produzir verdadeiros positivos aumenta significativamente se as palavras-chave aparecem nos títulos ou subtítulos.

Uma simples busca por “título”, no entanto, exclui resultados importantes, especialmente no *The Guardian/Observer*. Embora eu tenha utilizado a mesma base de dados (*arquivos ProQuest*) e comandos idênticos (ou seja {TITLE (*secess* OR separat* OR nationalis* OR independen* OR autonom**)} comando), houve grandes diferenças nos resultados gerados no *The New York Times* e no *The Guardian/Observer*. Foi usada a mesma estratégia de busca por títulos e subtítulos nos artigos do *The New York Times*, mas apenas por títulos nos artigos do *The Guardian/Observer*. Consequentemente, a mesma busca por título encontra 46.939 notícias do *The New York Times* de 1851 a 2013, e 16.525 notícias do *The Guardian/Observer* de 1791 a 2013. Na *primeira fase* do processo de coleta de dados, eu codifiquei todos esses artigos. As taxas de verdadeiros positivos foram de 27,06% e 23,22%, respectivamente.

Para superar potenciais vieses que poderiam surgir com a exclusão dos subtítulos do *The Guardian/Observer*, também conduzi uma *segunda fase* no processo de coleta de dados. Minha análise preliminar mostrou que tal exclusão não só reduziu o número de artigos do *The Guardian/Observer*, mas também introduziu um potencial viés temporal nos resultados. Isso porque, no início do século XIX, muitas notícias sobre assuntos globais não tinham manchetes convencionais. Na maioria das vezes, todas as notícias sobre um determinado país ou região do mundo ficavam listadas sob uma única palavra: ou seja, o nome desse país ou região, como “China”, “Espanha”, “Itália” e “Boêmia”. Para superar esse problema, na *segunda fase* da coleta de dados, busquei o nome das nações (com as suas ortografias alternativas e nomes de territórios) na manchete e a cadeia de palavras-chave principal no texto completo do artigo. Para não duplicar a contagem e codificar duplamente os artigos já codificados na primeira fase, também excluí a busca anterior por títulos

dos resultados⁵. Essa estratégia de busca resultou em 40.593 artigos *adicionais* no *The Guardian/Observer* com uma taxa verdadeiramente positiva de 28%⁶. O coeficiente de correlação de Pearson entre a frequência anual de *verdadeiros positivos* encontrados nesses dois jornais (*The Guardian/Observer* e *The New York Times*) é de 0,67 ($p < 0,001$).

Decisões de codificação. Os resultados das reportagens são codificados como *verdadeiros positivos* se (1) mencionarem a existência de SSNM, demandas, esforços de mobilização, ameaças, ou resoluções, e se (2) o evento relatado tiver ocorrido no mesmo ano da publicação. Este último critério significa que se as notícias publicadas em 1960 mencionam um SSNM que ocorreu em 1870, eu não codifiquei o evento como um verdadeiro positivo modificando a sua data para 1870. Se a reportagem cumprisse essas duas condições, informações como data, nome da nação em busca de Estado, nome do Estado contra o qual os nacionalistas se mobilizaram e o local do evento eram, portanto, codificados.

Como as reportagens do *The New York Times* só começaram em 1851, para os propósitos deste artigo, utilizarei apenas reportagens do *The Guardian/Observer* como a principal variável dependente. O conjunto de dados SSNM 1 possui 15.254 notícias verdadeiramente positivas do *The Guardian/Observer* sobre os SSNM em mais de 350 nações subjugadas de 1804 a 2013, ocorridas em 150 territórios distintos. Esses “territórios” são construídos com base nas fronteiras físicas dos Estados soberanos existentes no mundo em 2001. No entanto, para fins de análise estatística histórica, eles são tratados meramente como indicadores geográficos e, portanto, extrapolados para períodos anteriores, independentemente da existência ou não de tais Estados naquele dado período histórico. Essa estratégia é consistente com a prática vigente utilizada por muitos conjuntos de dados globais e históricos, como Maddison (2003) e Wimmer e Feinstein (2010). Por exemplo, o conjunto de dados SSNM 1 inclui territórios chamados “Itália” e “Nigéria” em 1816, embora tais Estados não existissem nesse período. Por conseguinte, codifiquei um SSNM na Sicília sob o território da “Itália” e uma rebelião Igbo em Biafra sob “Nigéria”.

5 Para essa tarefa, é utilizada a seguinte estrutura de comandos: “title([nation_name] OR [nations’_alternative_names_OR alternative_spellings’_OR_territory_names]) AND (secess* OR separat* OR nationalis* OR independen* OR autonom*) NOT title(secess* OR separat* OR nationalis* OR independen* OR autonom*)”.

6 A aplicação dessa estratégia ao *The New York Times* resultaria em 112.714 artigos adicionais e aumentaria ainda mais a discrepância entre os dois jornais. Como verificação de robustez, também realizei a análise estatística excluindo a segunda fase da coleta de dados. Os resultados estatísticos apresentados neste artigo não mudam.

Codifiquei um SSNM que ocorreu numa determinada região de um império histórico (ou uma federação multinacional que não existe mais em 2001) sob o território do Estado soberano existente em 2001. Por exemplo, os territórios reivindicados pela mobilização nacionalista em busca de Estado estoniana contra a URSS estão codificados sob “Estônia” e não sob “Rússia”, assim como qualquer Estado contemporâneo que pertencia à URSS na época da mobilização nacionalista.

Da mesma forma, se um SSNM ocorreu em uma região mais ampla do mundo, a qual se encontra dividida em diferentes Estados soberanos em 2001, ele é codificado separadamente em todos esses Estados. Por exemplo, uma revolta nacionalista curda ocorrida durante o final do Império Otomano, na região que atualmente engloba o Iraque, Turquia, Síria e Irã, é codificada sob *todas* estas localidades. Na análise complementar, verifiquei se essa decisão afetou ou não os resultados. Testes de robustez mostram que codificar tais movimentos sob um único Estado ou eliminá-los completamente das análises não altera os resultados apresentados no artigo.

Confiabilidade e validade do conjunto de dados SSNM 1

A coleta de dados por arquivos de jornais é uma estratégia amplamente utilizada nas ciências sociais (BEISSINGER, 2002; FRANZOSI, 1987; MCADAM, 1982; TILLY, 1978), e alguns estudiosos consideram reportagens de jornais mais confiáveis do que estatísticas oficiais e métodos alternativos, como pesquisas domiciliares (SILVER, 2003; VARSHNEY, TADJOEDDIN e PANGGABEAN, 2008; WILKINSON, 2006). No entanto, apesar de suas vantagens, o uso de reportagens para analisar formas de agitação social pode conter potenciais vieses (EARL *et al.*, 2004; FRANZOSI, 1987). Embora seja impossível eliminar completamente todos os potenciais vieses em qualquer estratégia de coleta de dados, os pesquisadores podem detectar e usar estratégias para minimizá-los. Dado o âmbito limitado deste artigo, mencionarei a seguir brevemente quatro dessas estratégias que utilizei para assegurar a confiabilidade e validade do conjunto de dados.

Em primeiro lugar, para evitar potenciais *vieses na coleta de dados* (EARL *et al.*, 2004) por esquemas de coleta de dados errôneos, não empreguei nenhum esquema de amostragem, mas codifiquei todos as reportagens geradas pela cadeia de palavras-chave. Da mesma forma, não recorri a índices e categorias temáticas elaborados por jornais, nem a técnicas de coleta de dados totalmente automatizadas, as quais podem gerar uma alta taxa de resultados falsos positivos. Em vez disso, todos os dados são codificados manualmente através da leitura individual de cada uma dessas notícias. Para evitar um possível *viés de pesquisador*, eu não me baseei no meu próprio co-

nhcimento sobre esses casos, mas apenas na informação disponível nessas notícias. Para evitar outras formas de *vieses de pesquisador* devido à inserção manual de dados e erros de codificação no processo da coleta de dados (FRANZOSI, 1987), todos os artigos foram duplamente codificados pelo mesmo pesquisador (99,9% de sobreposição nas decisões); e 10% dos artigos selecionados aleatoriamente foram duplamente codificados por pesquisadores assistentes, que receberam 20 horas de treinamento sobre o processo de coleta de dados através de instruções em codificação (97,3% de sobreposição nas decisões).

Em segundo lugar, para evitar possíveis *vieses de descrição* por causa de reportagens com informações incorretas (ou ausentes) (EARL *et al.*, 2004), eu não coletei informações que respondem a questionamentos como “quem fez o que com quem?”, “por que o conflito/protesto começou?” ou “quantas pessoas participaram (ou morreram)?”. Considerando que interesses geopolíticos afetariam significativamente a forma como esses jornais formulariam e relatariam as ações dos SSNM em diferentes partes do mundo, limitei a coleta de dados apenas a informações essenciais – que seriam relatadas mais ou menos de forma semelhante por apoiadores, opositores ou observadores neutros desses movimentos – tais como data, nome da nação em busca de Estado (incluindo nomes alternativos, ortografias etc.) e nome do Estado contra o qual os nacionalistas em busca de Estado se mobilizaram.

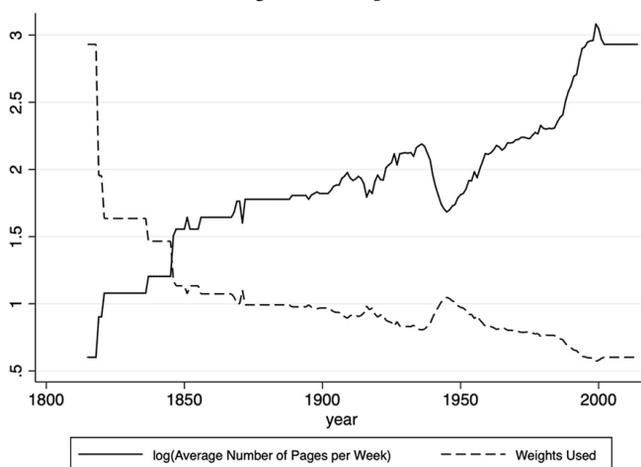
Em terceiro lugar, atribuí *pesos* para a variável dependente para compensar o possível *viés de seleção temporal* decorrente das frequências diferentes das reportagens produzidas pelos jornais em diferentes momentos na história. Em pesquisas históricas que utilizam reportagens como fontes de dados, o aumento na capacidade de cobertura dos jornais – e o correspondente aumento no número de páginas e palavras que os jornais dedicam às notícias internacionais – ao longo do tempo pode se tornar um motivo de grande preocupação. Para ilustrar, em média, o número total de páginas do *The Guardian/Observer* em uma semana qualquer foi de 12 na década de 1830, 60 na década de 1880, 130 na década de 1930, 64 na década de 1950, 160 na década de 1970, 420 na década de 1990 e aproximadamente 1000 na década de 2000. Tais mudanças no formato físico dos jornais podem produzir um aumento arbitrário na frequência dos eventos noticiados. Por outro lado, há períodos na história – como durante a Segunda Guerra Mundial – quando a capacidade de reportagem dos jornais diminuiu devido a vários infortúnios, incluindo a escassez de papel.

A *forma ponderada da variável dependente* visa evitar qualquer inflação arbitrária (ou deflação) na frequência dos SSNM devido ao aumento (ou redução) do número de páginas dos jornais ao longo do tempo. Para estabelecer esses *pesos*, recolhi e examinei notícias publicadas de 1 a 30 de junho de cada ano (de 1804 a 2013 para o *The*

Guardian/Observer, e de 1851 a 2013 para o *The New York Times*) e calculei o número total de páginas e o número de páginas que publicaram notícias internacionais. Com base na minha análise, construí pesos que são *inversamente proporcionais* ao logaritmo⁷ da média do número de páginas que esses jornais tinham por semana a cada ano, como mostra a Figura 3. A análise estatística apresentada no artigo é realizada utilizando-se tanto os *dados ponderados* como os *não ponderados*. Os resultados são robustos.

Em quarto lugar, criei uma *versão binária* do conjunto de dados para minimizar o possível *viés de seleção geográfica* que pode surgir devido a diferentes frequências de reportagens produzidas por jornais sobre diferentes países do mundo⁸. Como mencionado anteriormente, ao escolher potenciais jornais como fontes para este projeto, identifiquei aqueles com a capacidade de cobertura geográfica mais ampla.

Figura 3. Número médio de páginas no *The Guardian/Observer* (em escala logarítmica) e pesos utilizados



Fonte: Elaboração própria

7 O aumento exponencial do número de páginas, no entanto, não corresponde a um aumento exponencial do número total de páginas que noticiam matérias internacionais. Se compararmos o ano de 1957 (um ano em que ambos os jornais publicavam aproximadamente 100 páginas por semana) com o ano 2000 (um ano em que ambos os jornais publicavam aproximadamente 1000 páginas por semana), podemos ver que o número de páginas que poderiam noticiar matérias internacionais aumentou em 50%. Por essa razão, os pesos inversos que usei são calculados usando o logaritmo do número médio de páginas que os jornais tinham por semana num determinado ano.

8 Considerando que os jornais irão mencionar mais os movimentos nacionalistas ocorrendo em seus próprios países do que em outros países, eu também deflacionei a frequência dos movimentos no Reino Unido do *The Guardian/Observer*. Para essa tarefa, eu (1) calculei a razão de frequências dos movimentos nacionalistas no Reino Unido para o mundo a partir do *The Guardian/Observer* e do *The New York Times* para o período de 1851 a 2013, (2) multipliquei as frequências dos movimentos no Reino Unido com um deflador que fez com que a razão do *The Guardian/Observer* fosse a mesma que a do *The New York Times*, e (3) arredondei os dados para o inteiro mais próximo para garantir que os dados ainda sejam de contagem.

O problema é que mesmo jornais com a mais ampla capacidade de cobertura geográfica podem produzir mais notícias sobre umas regiões do mundo do que de outras. Por exemplo, a maioria dos jornais americanos tem a tendência de produzir mais notícias sobre a América Latina do que os jornais britânicos. Enquanto a maioria dos jornais britânicos produz mais notícias sobre suas antigas colônias do que a maioria dos jornais americanos. Pela mesma lógica, muitos jornais franceses têm tendência a produzir mais notícias sobre o Norte da África, a Indochina francesa e países francófonos da Europa do que os jornais americanos e britânicos. Esse problema é importante porque se os jornais tendem a reportar mais notícias sobre umas regiões do que outras, isso pode arbitrariamente aumentar (ou diminuir) a frequência dos movimentos observados na base de dados em tais regiões.

A versão binária do conjunto de dados SSNM 1 visa responder a esse potencial viés de seleção geográfica. Nessa versão binária do conjunto de dados, os SSNM num determinado território recebe um valor “1” se houver pelo menos uma menção a um SSNM num determinado ano, e um valor “0” se não houver nenhuma menção. Ao deflacionar todas as frequências em um binário, essa versão do conjunto de dados assegura que não haja flutuações arbitrárias na frequência de mobilização nacionalista em busca de Estado devido a um potencial viés de seleção geográfica. Como irei demonstrar na seção de análise, a replicação da análise estatística usando a versão binária do conjunto de dados SSNM 1 produz os mesmos resultados.

Outros testes de confiabilidade também mostram que o conjunto de dados SSNM 1 inclui todos os incidentes de formação de Estados quando estes são fundados por SSNM (em lugar de revoluções sociais não-nacionalistas ou acordos internacionais), e inclui também a esmagadora maioria das guerras secessionistas/étnico-nacionalistas, como divulgado por outros conjuntos de dados existentes⁹. Contudo, esses outros

9 Tal comparação revela diferenças fundamentais entre a produção de conjuntos de dados utilizando fontes históricas e reportagens. Conjuntos de dados que usam fontes históricas (como WIMMER e MIN, 2006) podem identificar o início e o fim de uma guerra étnico-nacionalista ou secessionista a partir de fontes históricas e podem codificar todos os períodos intermediários como “verdadeiros positivos”, enquanto jornais históricos podem cobrir algumas partes de todo esse período e eventualmente perder certos anos, como também pode ser visto na Figura 4. Isto é provavelmente porque as reportagens são muito sensíveis aos altos e baixos no tempo e ritmo da guerra étnica/secessionista. Isto explica por que o *The Guardian/Observer* parece subnotificar algumas das guerras nacionalistas em busca de Estado em certas regiões da América Latina (como a República Dominicana), em algumas colônias portuguesas (como a Guiné-Bissau e Moçambique) e em algumas regiões da Indochina francesa (como o Laos e o Camboja). Uma análise mais aprofundada também demonstra que as notícias sobre guerras, revoltas e rebeliões nessas regiões nos anos em que estão ausentes podem ser encontradas nas páginas do *The Guardian/Observer*, mas não são contadas como verdadeiros positivos, uma vez que essas notícias não falam explicitamente de secessão, independência ou autodeterminação como o objetivo dessas rebeliões nesses anos.

conjuntos de dados não capturam a maioria dos SSNM como o faz o conjunto de dados SSNM 1.

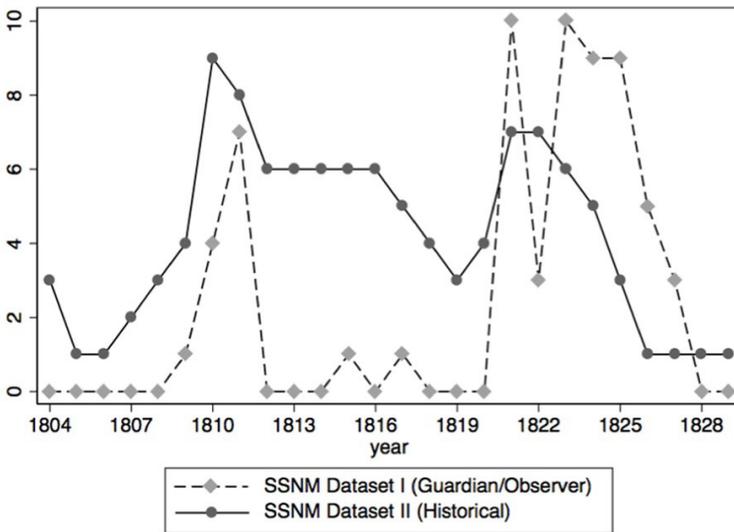
Conjunto de dados SSNM 2

É impossível usar o mesmo método de coleta de dados para o período que se estende do final do século XV ao início do século XIX. Por esse motivo, o segundo conjunto de dados da base de dados SSNM faz uso de uma metodologia diferente. Baseando-se nos dados de Tilly (1993, 1994) sobre acontecimentos revolucionários na Europa, eu calculei o número de situações revolucionárias e conflitos de alta intensidade envolvendo movimentos em busca de Estado de 1492 a 1829, usando as mesmas unidades territoriais que usei no primeiro conjunto de dados.

Examinando cada situação revolucionária nos dados de Tilly (1993) de 1492 a 1829, codifiquei situações revolucionárias envolvendo movimentos em busca de Estado, mas ampliei (e revisei) esses dados de duas formas significativas. Primeiro, ampliei a lista de Tilly contendo “situações revolucionárias nacionais” ao incluir instâncias de formação de Estado e de conflitos de alto nível em que grupos subordinados exigiam independência. Para essa tarefa, recorri a quatro volumes da *Enciclopédia das Nações sem Estado* de Minahan (2002), ao *Catálogo de Conflitos* de Brecke (2012), à *Enciclopédia dos Movimentos Separatistas Modernos* de Hewitt e Cheethnam (2000), aos movimentos nacionalistas históricos listados por Smith (1971) e a uma ampla gama de recursos históricos secundários sobre esses conflitos. Como a base de dados SSNM se concentra no nacionalismo em busca de Estado, excluí conflitos e reações contra políticas nacionalistas de Estado voltadas à homogeneização se não houvesse evidência de demandas pela independência ou autonomia por parte das nações subjugadas. Segundo, os dados de Tilly incluem a Europa Ocidental e Oriental, mas não incluem as regiões da América do Norte ou América Latina, as quais já haviam sido incorporadas à economia-mundo capitalista naquela época. Portanto, expandi geograficamente os dados de Tilly para incluir também os movimentos em busca de Estado nas Américas.

A lista completa dos conflitos de alta intensidade e das situações revolucionárias nacionalistas em busca de Estado cobertas pelo conjunto de dados SSNM 2 no período de 1492 a 1829 pode ser encontrada no Apêndice A. Para os fins deste artigo, os dados foram agregados num formato território-ano utilizando as mesmas unidades territoriais do conjunto de dados SSNM 1. O resultado final são 446 território-anos de conflitos de alta intensidade e situações revolucionárias nacionalistas em busca de Estado produzidos por 86 SSNM distintos.

Figura 4. Número médio de páginas no *The Guardian/Observer* (em escala logarítmica) e pesos utilizados



Fonte: Elaboração própria

É importante notar que, do século XVI ao século XIX, a base de dados SSNM inclui situações revolucionárias e conflitos de alta intensidade envolvendo movimentos em busca de Estado. A partir do século XIX, porém, começamos a observar uma gama mais ampla de atividades em busca de Estado, incluindo protestos, comícios, manifestações e referendos de independência, bem como aqueles conflitos armados secessionistas, situações revolucionárias e guerras de secessão que conseguiram aparecer nos noticiários internacionais. Por um lado, essa distinção é imposta por dificuldades técnicas e metodológicas, pois não temos uma fonte de notícias única e fiável com capacidade de reportagem em nível mundial para o período anterior. Por outro lado, essa distinção capta uma grande transformação histórica ocorrida no século XIX: a dupla ascensão da democracia e dos movimentos sociais democráticos de base (MARKOFF, 1996). À medida que as ideologias nacionalistas começaram a se difundir, surgiram organizações nacionalistas, movimentos de democratização obtiveram êxito, a autodeterminação nacional foi adotada como um princípio democrático, e, à medida que os movimentos nacionalistas se tornaram movimentos sociais, uma série mais ampla de ações (incluindo as não violentas e normativas) foi sendo usada por grupos e organizações nacionalistas. Nossos dois conjuntos de dados capturam essa grande transformação, e a sobreposição dos anos em ambos

os conjuntos, o período de 1804 a 1829, é intencional. Como ilustra a Figura 4, não há grande discrepância na padronização/frequência dos movimentos em busca de Estado nesses dois conjuntos de dados durante esse período de sobreposição, sugerindo uma transição suave de uma forma de ação para a outra.

Estratégia analítica

Avaliar o poder explicativo de teorias concorrentes sobre o nacionalismo (ou qualquer outro tópico nas ciências sociais) usando métodos quantitativos é um grande desafio. Embora alguns estudiosos acreditem que conjuntos de dados de larga escala estão facilitando a falsificação de teorias que não se apoiam em evidências empíricas/históricas, o problema é que muitas teorias sérias sobre nacionalismo (como em muitos outros assuntos da sociologia comparativa-histórica) não se permitem ser quantificadas facilmente. De Ernest Gellner a Anthony Smith, a Eric Hobsbawm, a maioria dos teóricos do nacionalismo nos fornecem conjuntos de argumentos, ideias e observações extremamente complexos, que não podem ser transformados em umas poucas hipóteses testáveis sem simplificar em demasiado o assunto em questão. Também é muito difícil encontrar dados de alta qualidade que possam ser usados como variáveis e proxies válidos na análise. É por isso que o ceticismo existente por parte de alguns sociólogos comparativos-históricos com testar teorias concorrentes sobre o nacionalismo usando métodos quantitativos não deve ser descartado. Ao contrário, ele deve ser levado em séria consideração, deixando claro que a análise quantitativa utilizada nos estudos comparativos-históricos não visa estabelecer causalidade ou desacreditar teorias existentes de forma popperiana, mas meramente descobrir alguns padrões e relações escondidos em dados de larga escala, que mais tarde deveriam ser objeto de um estudo sociológico e histórico sério. Assim, os métodos e análises utilizados neste artigo devem ser vistos como um primeiro corte macroquantitativo para o início de uma pesquisa histórica e empírica mais abrangente e rigorosa, em vez de ser a última palavra num debate sobre algumas teorias existentes acerca do nacionalismo.

Com esse cuidado em mente, vou proceder em dois passos. No primeiro, irei analisar a formação e dissolução das ondas globais de nacionalismo em busca de Estado de 1492 ao presente, utilizando os dois conjuntos de dados da base SSNM. Nessa seção, tanto a unidade de análise como a unidade de observação são o sistema-mundo observado em anos individuais. Esta análise nos fornecerá uma visão global da trajetória histórica do nacionalismo em busca de Estado na longa duração. No segundo, utilizarei o conjunto de dados SSNM 1 para analisar o poder explicativo

da perspectiva teórica apresentada neste artigo contra algumas das abordagens existentes na literatura, usando uma análise de regressão multivariada. Nessa seção, a unidade de análise ainda será o sistema-mundo, mas a unidade de observação será o território-ano. Dessa forma, vamos explorar as dinâmicas do nacionalismo em busca de Estado no mundo, analisando como ele é afetado por diferentes variáveis em nível local. A análise estatística nessa seção focaliza os efeitos de uma série de covariáveis derivadas de algumas das teorias concorrentes do nacionalismo sobre a frequência (e, portanto, probabilidade) dos SSNM. A variável dependente é a frequência de SSNM (ou seja, dados de contagem), que mostra propriedades de sobredispersão (ou seja, sua variância é maior do que sua média). Dessa forma, vou usar uma análise de regressão binomial negativa para estimar como as variáveis independentes afetam a frequência dos movimentos em busca de Estado.

A Tabela 1 mostra explicações e estatísticas descritivas das variáveis utilizadas nos modelos. A maioria das variáveis independentes está disponível apenas para o período de 1816 a 2001 e para 137 territórios. Todos os modelos de regressão incluem uma defasagem de um ano para todas as variáveis independentes. Correlações de Pearson (Tabela 2) e os valores dos fatores de inflação de variância (ver Tabela 3) não sugerem problemas de multicolinearidade nos modelos utilizados.

Tabela 1. Variáveis e estatística descritiva

Variable	Explanation	Observations	Mean	Standard deviation
SSNM	Frequency of state-seeking movements in the territory in a given year as measured from international news reports (SSNM dataset 1)	25,482	0.42	3.21
Ethnic diversity	Ethnic fractionalization index score (Fearon and Laitin, 2003; Wimmer and Min, 2006)	25,482	0.41	0.28
Religious diversity	Religious fractionalization index score (Fearon and Laitin, 2003; Wimmer and Min, 2006)	25,482	0.37	0.22
Iron-steel production	Iron and steel production (thousands of tons) as calculated by Singer (1987) and updated by Correlates of War project.	25,345	1260.49	8560.98
GDP per capita	GDP per capita in Geary-Khamis (PPPs) as calculated by Maddison (2003). Missing years are imputed using linear interpolation and extrapolation based on the growth rate of the closest neighbor with a similar economic standing (Karataşlı 2017).	25,345	1874.82	2847.88
Globalization	Global trade openness index score as calculated by Chase-Dunn et al. (2000) as world average of the country-level ratio of the level of external trade (e.g. imports) to the GDP.	25,345	0.11	0.04
State power	Composite index of national capabilities score as measured by Singer (1987) using military expenditure, number of soldiers, iron-steel production, energy consumption, urbanization and population size in a given country relative to the world, updated by Wimmer and Feinstein (2010). Centered around the mean.	24,972	0.00	0.07
Recent nation-state formation in the empire	Number of nation-states formed in the empire in the last 5 years (Wimmer and Feinstein, 2010).	25,482	0.15	0.84
Recent nation-state formation in neighborhood	Number of nation-states formed in neighbor territories in the last 5 years (Wimmer and Feinstein, 2010).	25,482	0.15	0.55
Nationalist organizations	Dichotomous variable (1 = there is at least one nationalist organization; 0 = no nationalist organization) calculated by Wimmer and Feinstein (2010).	25,345	0.58	0.49
Duration of nationalist propaganda	Years passed since first nationalist organization is founded, calculated by Wimmer and Feinstein (2010).	25,482	41.00	53.00
Imperial dependency	Dichotomous variable (1 = the territory is an imperial dependency; 0 = the territory is not an imperial dependency) as calculated by Wimmer and Feinstein (2010).	25,345	0.42	0.49
Number of wars in the empire	Number of wars interstate wars fought in the empire as calculated by Wimmer and Feinstein (2010).	25,345	0.36	0.98
Number of wars in the territory	Number of wars interstate wars fought in the territory as calculated by Wimmer and Feinstein (2010).	25,345	0.09	0.32
Economic crisis	Dichotomous variable (1 = crisis, 0 = no crisis) calculated using Maddison's GDP estimates as years where a country's GDP per capita growth rates fall below 0 or below the 25th percentile in the world.	25,345	0.25	0.43
Social unrest	Frequency of non-nationalist social unrest measured from international newspapers, calculated by Global Social Protest Research Group (Arrighi Center, 2019).	25,345	0.18	1.17
Financialization	Dichotomous variable (1 = financial expansion, 0 = material expansion) calculated by the author based on Arrighi (1994) and explained in Table 1.	25,345	0.42	0.49
State-seeking nationalist unrest in neighborhood	Frequency of SSNM in neighbor territories (SSNM dataset 1)	25,345	2.45	8.58

GDP: gross domestic product; PPPs: purchasing power parities; SSNM: state-seeking nationalist movements.

Control variables are year of the analysis and regional controls (Middle East, Eastern Europe, Africa, Asia, Oceania, Latin America), where territory gets a value of 1 if it belongs to the region, and a value of 0 if it does not. Western Europe/North America is the reference group.

Tabela 2. Matriz de Correlação

Variables	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)	(6)	(7)	(8)	(9)	(10)	(11)	(12)	(13)	(14)	(15)	(16)	(17)	(18)	(19)
(1) SSNM	1.00																		
(2) Ethnic diversity	0.03	1.00																	
(3) Religious diversity	-0.02	0.37	1.00																
(4) Iron-steel production	0.03	-0.05	0.05	1.00															
(5) GDP per capita	0.04	-0.20	0.02	0.40	1.00														
(6) Globalization	0.04	0.00	0.00	0.15	0.38	1.00													
(7) State power	0.01	0.09	0.10	0.10	-0.07	-0.17	1.00												
(8) Recent nation-state formation in the empire	0.11	0.06	0.03	0.00	-0.03	-0.05	0.03	1.00											
(9) Recent nation-state formation in neighborhood	0.06	0.01	0.00	0.03	0.02	0.04	-0.08	0.12	1.00										
(10) Nationalist organizations	0.09	-0.21	-0.12	0.13	0.39	0.28	-0.23	0.08	0.17	1.00									
(11) Duration of nationalist propaganda	0.06	-0.25	-0.13	0.28	0.65	0.37	-0.21	-0.05	0.05	0.66	1.00								
(12) Imperial dependency	0.01	0.14	0.10	-0.12	-0.23	-0.23	0.53	0.15	-0.08	-0.34	-0.42	1.00							
(13) Wars in the empire	0.03	0.08	0.03	-0.04	-0.10	-0.16	0.30	0.19	-0.01	-0.09	-0.17	0.36	1.00						
(14) Wars in the territory	0.16	0.01	-0.02	-0.02	-0.06	0.04	-0.01	0.02	0.08	0.10	0.04	-0.07	0.07	1.00					
(15) Economic crisis	0.04	-0.09	-0.00	-0.03	-0.04	0.00	0.05	-0.04	0.05	0.15	0.06	-0.01	-0.01	0.03	1.00				
(16) Social unrest	0.21	-0.03	-0.01	0.22	0.14	0.02	0.05	0.02	0.04	0.12	0.20	-0.09	-0.01	0.09	0.02	1.00			
(17) Financialization	0.03	-0.00	-0.00	0.04	0.12	0.54	-0.00	-0.05	0.01	0.08	0.12	0.01	0.02	0.00	-0.00	0.03	1.00		
(18) SSNM in neighborhood	0.15	-0.04	-0.05	0.09	0.09	0.10	-0.04	0.06	0.12	0.12	0.09	-0.05	0.03	0.09	0.03	0.08	0.05	1.00	
(19) Year	0.07	0.00	0.00	0.17	0.47	0.58	-0.24	0.07	0.13	0.63	0.58	-0.19	-0.07	0.07	-0.00	0.10	0.28	0.17	1.00

GDP: gross domestic product; SSNM: state-seeking nationalist movements.

Regional control variables (Middle East, Eastern Europe, Africa, Asia, Oceania, Latin America), where territory gets a value of 1 if it belongs to the region, and a value of 0 if it does not, are not presented in the matrix.

Resultados

Se minhas premissas fundamentais estiverem corretas, então os períodos que se estendem desde a crise sinalizadora até o fim da crise terminal (ou seja, 1560-1648, 1760-1815, 1873-1929/1945, e 1973/80 ao presente) devem ser extremamente férteis para a mobilização nacionalista em busca de Estado, porque esses períodos de financeirização são caracterizados por crises interligadas nas esferas econômica, geopolítica e social, bem como pela diminuição dos recursos para promover o consentimento entre as massas e para manter a hegemonia dos governantes em nível local. O Quadro 2 dá exemplos de tais crises e anedotas históricas sobre os padrões previstos.

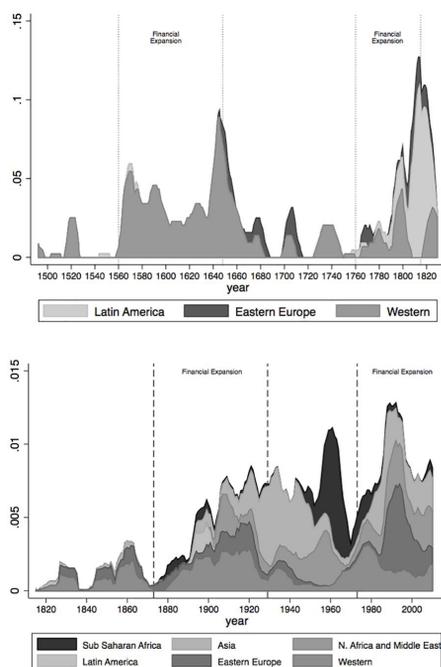
Quadro 2. Financeirização, crises e desmantelamento de pactos sociais

	Signal crisis (onset of financialization)	Terminal crisis (onset of “Chaos”)	Examples of unmaking of social compacts
Genoese-Iberian systemic cycle	Economic crisis Price inflation of the 16th century (rising after 1560s) Protestant revolts	General depression of the 17th century Protestant revolutions	Centralization policies of Philip II of the Spanish-Habsburg Empire
Dutch systemic cycle	Social crisis 80 years war Geopolitical crisis Stagnation of the transatlantic trade after 1750s Economic crisis Revolt of Thirteen Colonies Social crisis 70 years war Geopolitical crisis	30 years war General crisis of the early-19th century French and Haitian Revolutions Napoleonic wars	Unmaking of “flexibilities” introduced during mercantilist expansion. Increasing tax extraction from American settler colonies by the British Empire. Centralization policies of Carlos III of the Spanish Empire; Selim III of the Ottoman Empire; Joseph II of the Austrian Empire.
British systemic cycle	Economic crisis 1873/1896 recession Social crisis Paris Commune 1871	1929 crisis 1905/1908 wave of bourgeois- democratic revolutions; 1917 Bolshevik Revolution	Dissolution of the Tanzimat compacts and centralization in the Ottoman Empire in late- 19th and early-20th century.
US systemic cycle	Geopolitical crisis Franco-Prussian war 1870- 1871, Russo-Turkish war of 1877-1878 Economic crisis 1973 crisis Social crisis 1968 revolutions	Russo-Japanese war, Balkan wars, First and Second World War	Unmaking of developmentalist policies (including its capitalist, social democratic, and socialist variants)
	Geopolitical crisis Vietnam War; revival of arms race between US and USSR after 1973-1980	2007/2008 crisis Post-2008 waves of revolts and revolutions 9/11, Global War on Terror (Wars in Afghanistan and Iraq), Syrian “internationalized” Civil War	

Fonte: Elaboração própria.

A fim de avaliar se essa previsão é respaldada por dados históricos, o quadro da mobilização nacionalista no mundo, derivado dos dois conjuntos de dados da base de dados SSNM, está resumido na Figura 5. Essa figura documenta a trajetória histórica dos SSNM dentro dos limites da economia-mundo capitalista de 1492 a 2013. Ela mostra que a distribuição dos movimentos em busca de Estado ao longo do tempo não é uniforme nem aleatória. Pelo contrário, há períodos na história em que os movimentos em busca de Estado se agrupam no espaço e no tempo. A Figura 5 mostra que os períodos que se estendem dos anos de 1560 a 1640, de 1780 a 1810, de 1880 a meados do século XX, e dos anos 80 ao presente estão entre essas conjunturas históricas que produzem sucessivas ondas globais de nacionalismo.

Figura 5. Índice de mobilização dos movimentos em busca de Estado, 1492-2013 (média móvel de nove anos)



Nota: Os eixos Y mostram a razão entre o número de movimentos em busca de Estado num determinado ano e o número total de movimentos em busca de Estado ao longo do período. Estes dados de 1492 a 1829 (linha superior) incluem situações revolucionárias e conflitos de alto nível envolvendo movimentos em busca de Estado. Esses dados de 1816 a 2013 (linha inferior) incluem o número de notícias sobre movimentos em busca de Estado em todo o mundo. Ambos os números consideram os limites da economia-mundo capitalista. Assim, regiões que só foram incorporadas à economia-mundo capitalista após o século XIX (África Subsaariana, Ásia, Norte da África e Oriente Médio) estão excluídas do gráfico superior.

Fonte: Elaboração própria.

O Quadro 3 documenta as ondas de nacionalismo em busca de Estado e sua sobreposição com as fases dos ciclos sistêmicos de acumulação. Mostra que, enquanto *ondas* de nacionalismo podem ocorrer tanto durante os períodos de expansão material como financeira do capitalismo histórico, *grandes ondas* tendem a emergir predominantemente durante os períodos de expansão financeira. No total, 14 das 17 grandes ondas ocorreram durante períodos de expansão financeira (como sugerido pela H4); 2 das 3 grandes ondas que ocorreram durante um período de expansão material e hegemonia mundial estão ligadas à descolonização das colônias asiáticas e africanas, como explicado na seção acima sobre o desnível espacial do nacionalismo anticolonial (conforme sugerido também pela H7b).

Figura 5. Índice de mobilização dos movimentos em busca de Estado, 1492-2013 (média móvel de nove anos)

Dataset	Waves ^a	Major waves ^b	Systemic cycle of accumulation
SSNM dataset 2	–	–	Material expansion (Genoese-Iberian)
	1566–1570	1567–1570	Financial expansion (Genoese-Iberian)
	1636–1641	1638–1641	Financial expansion (Genoese-Iberian)
	1704–1707	–	Material expansion/world hegemony (Dutch)
	1733–1735	–	Material expansion/world hegemony (Dutch)
	1744–1746	–	Material expansion/world hegemony (Dutch)
	1764–1765	–	Financial expansion/hegemonic crisis (Dutch)
	1779–1781	1779–1781	Financial expansion/hegemonic crisis (Dutch)
	1789–1791	1789	Financial expansion/hegemonic crisis (Dutch)
	1794–1796	1794–1796	Financial expansion/hegemonic crisis (Dutch)
	SSNM Dataset 1	1831	–
1848–1849		1848–1849	Material expansion/world hegemony (British)
1859		–	Material expansion/world hegemony (British)
1863		–	Material expansion/world hegemony (British)
1896–1897		1897	Financial expansion/hegemonic crisis (British)
1903–1910		1910	Financial expansion/hegemonic crisis (British)
1918–1920		1918–1920	Financial expansion/hegemonic crisis (British)
1930		1930	Financial expansion/hegemonic crisis (British)
1945–1947 ^c		1947 ^c	Material expansion/world hegemony (US)
1955 ^c		–	Material expansion/world hegemony (US)
1960 ^c		1960 ^c	Material expansion/world hegemony (US)
1974–1975		1975	Financial expansion/hegemonic crisis (US)
1984–1986		1984–1986	Financial expansion/hegemonic crisis (US)
1989–1991		1989–1991	Financial expansion/hegemonic crisis (US)
1999		1999	Financial expansion/hegemonic crisis (US)
2007–2008		2007–2008	Financial expansion/hegemonic crisis (US)

SSNM: Movimentos Nacionalistas em Busca de Estado.

^a Ondas de nacionalismo são operacionalizadas como anos nos quais a frequência da mobilização nacionalista no mundo é ao menos 50% maior do que a média dos cinco anos anteriores (ver SHORTER e TILLY, 1974) e a frequência da mobilização nacionalista é maior que a média de todo o período do conjunto de dados (ver SILVER, 1995).

^b Grandes ondas são definidas como anos nos quais a frequência da mobilização nacionalista é ao menos 50% maior do que a média dos 5 anos anteriores, e a frequência da mobilização nacionalista é ao menos 100% maior do que a média de todo o período no conjunto de dados.

^c Predominantemente a descolonização periférica da Ásia e da África.

A principal exceção parece ser a onda de 1848-1849, que ocorreu durante um período de expansão material e hegemonia mundial. Curiosamente, no entanto, o período de 1848 a 1849 é único dentro da hegemonia mundial britânica e inclui muitos componentes de uma *crise* hegemônica, entre eles uma intensa crise econômica (como previsto pela H1) e intensas revoluções sociais e agitação trabalhista (como previsto pela H3). O que parece estar faltando é a crise geopolítica (ou seja, a grande guerra de poder). Essa observação também explica algo interessante sobre a natureza da “Primavera das Nações” no período entre 1848 e 1849. Enquanto o ambiente de crise existente ajudou os movimentos nacionalistas a se mobilizarem, na falta de intensa crise geopolítica, os Estados e impérios existentes foram capazes de esmagar todas as revoltas nacionalistas. Portanto, nenhum deles pôde triunfar e se espalhar.

Embora essa visão macroscópica da mobilização nacionalista na história mundial coincida largamente com as nossas expectativas, isso não é suficiente para avaliar o poder explicativo da teoria apresentada neste artigo. Para tanto, como segundo passo, precisamos ir além dessas análises descritivas em nível global e examinar a dinâmica dos movimentos em busca de Estado utilizando uma análise de regressão multivariada. A Tabela 3 apresenta modelos de regressão binomial negativa (e logit) prevendo a frequência anual (e existência/ausência) dos SSNM em formato território-ano de 1816 a 2001.

A perspectiva teórica apresentada em uma seção anterior deste artigo é testada nos Modelos 4a-c. Os Modelos 1-3 incluem variáveis de outras abordagens existentes na literatura, conforme discutido na “Introdução”. O modelo 1 contém variáveis de diversidade étnica e religiosa para averiguar se a mobilização nacionalista em busca de Estado tem ou não suas raízes em origens étnicas ou religiosas, como afirmam as escolas de pensamento do nacionalismo sociobiólogo (VAN DEN BERGHE, 1987) ou primordialista (CONNOR, 1967). Nem as variáveis de diversidade étnica nem as de diversidade religiosa atingem níveis padrão de significância, o que não é surpreendente, uma vez que uma das principais limitações dessas perspectivas é que elas permanecem agnósticas às dinâmicas de mobilização nacionalista. Como elas se concentram em laços étnicos “estáveis” e “duradouros” que se estendem ao longo de milênios, a maioria dessas perspectivas não consegue explicar qualquer variação no ritmo e intensidade das revoltas nacionalistas.

Afinal, *uma constante não pode explicar variação*. Dito de outra forma, essas perspectivas *podem* explicar como os movimentos secessionistas escoceses, catalães, curdos, tibetanos ou uyghur de hoje podem estar ligados a identidades étnicas antigas e longevas, ou por que esses grupos resistem repetidamente a domínios estrangeiros. Contudo, elas não podem explicar por que esses movimentos ocorreram em certos mo-

mentos da história mundial, mas não em outros, ou por que eles começaram a emergir recentemente em sincronia com muitos outros movimentos ao redor do mundo.

O modelo 2 inclui variáveis de diferentes perspectivas modernistas que associam o nacionalismo ao avanço da modernidade econômica, da modernidade política e da globalização. As variáveis desse modelo visam levar em conta as perspectivas que associam o nacionalismo em busca de Estado à transição das sociedades agrícolas para as sociedades industriais (GELLNER, 1983), à modernização econômica que se seguiu à ascensão do capitalismo (HOBSBAWM, 1992), às ansiedades associadas à rápida globalização (CALHOUN, 1997; KALDOR, 2004; ver também OLZAK, 2006; SMITH, 1995), bem como às reações ao aumento do domínio direto através da centralização das estruturas estatais (HECHTER, 2000; MANN, 1995; TILLY, 1990).

Nesse modelo, a produção de ferro e aço é usada como *proxy* para a industrialização, e o PIB per capita como um *proxy* para a modernização econômica. A variável globalização – calculada como a média mundial por país da relação entre o nível de comércio externo (por exemplo, importações) e o PIB – visa captar os efeitos dos ciclos de globalização do comércio sobre o nacionalismo em busca de Estado. A variável poder estatal tem como objetivo avaliar os efeitos da centralização pelas estruturas estatais sobre o nacionalismo em busca de Estado. Nenhuma dessas variáveis tem um impacto significativo sobre a mobilização nacionalista em busca de Estado. A falta de evidência robusta para corroborar as teorias que afirmam que modernização econômica ou “globalização-gera-nacionalismo” é consistente com a literatura existente, ao concluir que nem a modernização econômica nem a globalização aumentam a probabilidade de formação de Estados-nação (WIMMER, 2013; WIMMER e FEINSTEIN, 2010) ou de conflitos étnico-nacionalistas (FEARON e LAITIN, 2003).

Tabela 3. Explicando a probabilidade de uma mobilização nacionalista em busca de Estado, 1816-2001

	Model 1	Model 2	Model 3	Model 4a	Model 4b	Model 4c
					(unweighted)	(binary/logit)
Ethnic diversity	0.884					
Religious diversity	-1.330					
Iron-steel production		-0.16e ⁻⁵				
GDP per capita		-0.83e ⁻⁴				
Globalization		-4.862				
State power		3.335	2.468	-1.166	-0.795	0.971
Recent nation-state formation in the empire in the past 5 years			0.302***	0.362***	0.351***	0.184***
Recent nation-state formation in neighborhood in the past 5 years			0.269**	0.216**	0.192**	0.148**
Nationalist organizations			1.702***	1.700***	1.618***	1.428***
Duration of nationalist propaganda			0.005	0.003	0.004	0.005
Imperial dependency			0.997***	1.175***	0.988***	0.794***
State power × imperial dependency			-4.126			
Number of wars in the empire			0.177**	0.184**	0.184**	0.054
Number of wars in the territory			1.809***	1.522***	1.417***	1.002***
Economic crisis				0.612**	0.566**	0.261*
Social unrest				0.445***	0.398***	0.172**
Financialization				0.581**	0.724***	0.563***
SSNM in neighborhood				0.028**	0.023**	0.019***
Middle East	-0.752	-0.634	0.166	0.142	0.208	0.380
Eastern Europe	-0.724	-0.917*	-0.640	-0.821	-0.618	-0.409
Africa	-1.883***	-2.207***	-1.584*	-1.531*	-1.242*	-0.503
Asia	-0.693	-0.703	0.088	-0.373	-0.210	-0.049
Oceania	-1.788*	-2.345**	-1.381	-1.383	-1.028	-0.471
Latin America	-2.038**	-2.007***	-2.816***	-2.705***	-2.808***	-1.731***
Year	0.014***	0.019***	-0.000	-0.003	0.001	0.003
Constant	-26.194***	-35.553***	-2.375	2.878	-5.045	-10.951*
lnalpha	3.716***	3.696***	3.340***	3.206***	2.705***	
McFadden's adjusted R ²	0.025	0.026	0.066	0.081	0.096	0.201
Maximum VIF	3.04	3.15	5.08	4.16	4.16	4.16
Observations	25,482	24,972	24,972	24,972	24,972	24,972

PIB: Produto Interno Bruto; FIV: Fator de Inflação de Variância; SSNM: Movimentos Nacionalistas em Busca de Estado. São usados erros-padrão robustos (não mostrados). Todas as variáveis independentes são defasadas por um ano.

*p < .05; **p < .01; ***p < .001 (*testes t de duas caudas*).

Fonte: Elaboração própria.

O modelo 3 avalia o poder explicativo de uma abordagem histórico-institucionalista de configuração de poder, que compartilha alguns aspectos da teoria apresentada neste artigo. Resumidamente, o institucionalismo histórico argumenta que quando o modelo de Estado-nação emergiu no final do século XVIII e início do século XIX, ele se tornou um modelo de governabilidade para outras elites ao redor do mundo (WIMMER, 2013; WIMMER e FEINSTEIN, 2010). Com o surgimento de novos Estados-nação, esse modelo se difundiu dentro dos impérios e entre territórios vizinhos, alterando o equilíbrio de poder existente em favor dos nacionalistas. As guerras entre Estados foram fundamentais para a difusão gradual do novo modelo de Estado-nação. Esse processo de difusão não foi automático, mas sim consolidado através da disseminação da ideologia nacionalista e da propaganda política pelas organizações nacionalistas (WIMMER, 2013). Estados com um poder militar, político e econômico superior, sem embargo, foram capazes de resistir aos oponentes nacionalistas e de reduzir a probabilidade de rebeliões nacionalistas em busca de Estado dentro dos seus territórios.

Encontro evidências fortes, significativas e sólidas de muitos elementos da abordagem histórico-institucionalista de configuração do poder. O modelo 3 mostra que a probabilidade de uma mobilização nacionalista em busca de Estado aumenta em regiões (e épocas) onde (e quando) há incidentes recentes de formação de Estados-nação no império e em territórios vizinhos (H6), guerras dentro do império e em territórios vizinhos (H2), e organizações nacionalistas (H5), bem como dependências imperiais (H7a). Todavia, curiosamente, a duração da propaganda nacionalista (isto é, operacionalizada como o número de anos desde a fundação da primeira organização nacionalista) não possui um efeito significativo sobre a probabilidade de movimentos em busca de Estado. Isso sugere que o efeito das organizações nacionalistas na mobilização nacionalista em busca de Estado não aumenta monotonicamente ao longo do tempo.

Mais importante ainda, não encontro evidências de que a probabilidade de movimentos em busca de Estado diminua à medida que o poder estatal aumenta. Por que essa variável não se comporta como a teoria histórico-institucionalista de configuração do poder supõe? Essa questão é importante porque chama a atenção para uma das principais diferenças entre o institucionalismo histórico e a perspectiva apresentada neste artigo. O institucionalismo histórico assume que o poder militar dos Estados aumenta a capacidade dos governantes de conter as ameaças internas. A perspectiva apresentada neste artigo, porém, enfatiza que a dominação sem hegemonia pode ser contraproducente. A acumulação de poder estatal não hegemônico é uma faca de dois gumes. Por um lado, confere mais recursos aos governantes para

conter as ameaças internas. Por outro lado, produz descontentamentos e reações por parte das massas que são forçadas a se submeter ao Estado centralizador. Dessa maneira, o efeito do poder estatal sobre a mobilização nacionalista não é claro. Os histórico-institucionalistas afirmam que o efeito do poder estatal sobre a contenção do nacionalismo será mais proeminente nos territórios coloniais e dependentes. Dito de outra forma, para eles, o que realmente importa é a interação entre o poder estatal e o status de dependência imperial (WIMMER, 2013). Também não encontro evidências desse efeito de interação. Há, no entanto, fortes evidências que sugerem que a probabilidade de movimentos em busca de Estado aumenta nos territórios dependentes imperiais e coloniais (como sugerido pela H7a).

O modelo 4a apresenta variáveis da teoria apresentada neste artigo. Como esta perspectiva compartilha muitos aspectos da perspectiva histórico-institucionalista, ela mantém como variáveis explicativas o número de Estados-nação criados nos cinco anos anteriores (no império e na região), a existência de organizações nacionalistas e o status de território de dependência imperial. Como nos modelos anteriores, essas variáveis permanecem positivas e significativas. Ainda não há evidências dos efeitos do poder estatal e da duração da propaganda nacionalista.

Outras variáveis do modelo 4a ajudam-nos a testar as hipóteses 1-4. Os períodos de crise econômica têm um efeito positivo e significativo nos movimentos em busca de Estado (H1). Isso corrobora o nosso argumento de que, durante períodos de intensa desaceleração econômica e crise, os recursos econômicos disponíveis para os governantes diminuem e a probabilidade de movimentos em busca de Estado aumenta. Essas constatações controlam para os efeitos das diferentes regiões do mundo. Isso significa que, mesmo em regiões centrais, como na Europa Ocidental, os movimentos em busca de Estado podem ocorrer durante períodos de estagnação econômica e crise. Como esperado tanto pela nossa abordagem como pelo institucionalismo histórico, o número de guerras travadas no território e no império (um *proxy* para as crises geopolíticas) aumenta a probabilidade de movimentos em busca de Estado (H2). Ademais, níveis crescentes de agitação social aumentam a probabilidade de movimentos em busca de Estado (H3) mesmo controlando para os efeitos das crises econômica e geopolítica e outras variáveis. Essa constatação sugere que o efeito dos movimentos sociais na mobilização nacionalista é muito mais significativo do que reconhece a literatura sobre o tema.

Além disso, o coeficiente da variável financeirização (0,581), o nosso *proxy* para a crise hegemônica mundial, é positivo e significativo. Esse fato corrobora a nossa afirmação de que, durante períodos de expansão financeira, os movimentos em busca de Estado são mais prováveis de ocorrer do que em períodos de expansão material

(H4). Mais precisamente, controlando para tudo mais, durante os períodos de expansão financeira (e crise hegemônica mundial) a frequência esperada de SSNM é $e^{0,581} = 1,79$ vezes mais alta que nos períodos de expansão material (e consolidação hegemônica mundial). Essa constatação é robusta para os pontos de corte alternativos escolhidos para os períodos de financeirização. Uma vez que o modelo 4 controla para os efeitos individuais das regiões, crises econômicas, guerras e agitação social, ele sugere que o efeito da financeirização nos movimentos em busca de Estado não pode ser reduzido somente ao impacto de crises específicas nas esferas econômica, geopolítica e social. Sustentando nossas perspectivas teóricas, os resultados sugerem que períodos de financeirização produzem *conjunturas contenciosas*, caracterizadas por crises contínuas em um âmbito geográfico mais amplo e temporal mais longo, cujo efeito é mais do que a soma das crises individuais nas esferas econômica, social e geopolítica. Finalmente, encontramos um efeito forte e positivo para o contágio dos SSNM a partir dos territórios vizinhos, como previsto pela H6.

Uma comparação dos valores R^2 ajustados de McFadden mostra que o modelo 4a tem maior potencial explicativo do que suas alternativas. Os modelos 4b-c replicam o modelo 4a utilizando diferentes versões das variáveis dependentes (ou seja, as versões “não ponderadas” e “binomial”), empregando análises de regressão binomial negativa e logit, respectivamente. Os resultados são semelhantes. Em análises complementares, também apliquei vários testes de sensibilidade e robustez ao considerar novas variáveis de controle (por exemplo, variável dependente defasada, tamanho da população, efeitos não lineares do tempo, produção de petróleo), novas estratégias de operacionalização para variáveis existentes (por exemplo, pontos de corte alternativos para datas de financeirização, uso de extensão ferroviária para industrialização) e modelos alternativos de regressão (por exemplo, efeitos aleatórios e fixos, distribuição de Poisson). As principais constatações apresentadas neste artigo são robustas a essas alterações.

Conclusão e discussão

Confirmando nossas premissas teóricas, os resultados mostram que os SSNM são mais prováveis de ocorrer durante períodos de crise econômica, guerras interestatais (crise geopolítica), agitação social (crise social) e financeirização (crise hegemônica mundial). Para além desses fatores estruturais, os resultados também chamam a atenção para o papel da agência (organizações nacionalistas). Embora os resultados indiquem fortemente que as organizações nacionalistas aumentam a probabilidade do nacionalismo em busca de Estado, eles também mostram que as organizações

nacionalistas não produzem movimentos nacionalistas como quiserem. Fazem-no em circunstâncias fora do seu controle, as quais restringem ou facilitam a sua mobilização. É por isso que a mobilização nacionalista em escala mundial não é um produto da extensão da propaganda nacionalista, mas, sim, é fortemente influenciada pelo contexto econômico e político em que essas organizações operam. Em certos períodos (por exemplo, períodos de expansão material do comércio e da produção e estabilidade internacional), é relativamente difícil mobilizar as massas para criar novos Estados, já em outros períodos (por exemplo, períodos de expansão financeira com crises interligadas), a mobilização de massas torna-se relativamente mais fácil. Em suma, as diferentes conjunturas produzidas pela dinâmica histórica do capitalismo criam diferentes ambientes (mais ou menos favoráveis) para a mobilização nacionalista e produzem um refluxo e fluxo de SSNM em nível global. Essa é uma das razões pelas quais todos os períodos de expansão financeira da economia-mundo capitalista desde o século XVI até o presente passaram por grandes ondas de nacionalismo em busca de Estado que desafiaram e transformaram a configuração do sistema interestatal de cada hegemonia mundial. Como sugerido por Goertz e Mahoney (2012), estes resultados quantitativos não devem ser interpretados como respostas definitivas, mas sim como novos e interessantes pontos de partida para estudos de casos mais rigorosos e análises comparativas-históricas sobre o assunto.

Ressurgimento do nacionalismo em busca de Estado no século XXI

O quadro teórico e as evidências empíricas apresentadas neste artigo trazem algumas novas perspectivas para o inesperado ressurgimento do nacionalismo nos últimos anos e décadas. Nossas descobertas sugerem que a inesperada escalada dos SSNM desde os anos 1970 não está ligada nem a “identidades étnicas duradouras” nem a “reações contra a globalização”, mas sim à escalada das crises econômicas, sociais e geopolíticas que acompanhou a *quarta grande onda de financeirização* da economia-mundo capitalista e a crise da hegemonia mundial dos EUA.

Enquanto o inesperado ressurgimento do secessionismo ao redor do mundo no último quarto do século XX estava ligado à *crise sinalizadora* do ciclo sistêmico americano, a multiplicidade de movimentos secessionistas que vemos hoje parece estar ligada à *crise terminal* (ou seja, a fase de caos) deste período de expansão financeira liderado pelos EUA. Desde a virada do século XXI, parecemos ter entrado na fase de *caos* do declínio hegemônico mundial americano (SILVER e ARRIGHI, 2011), na qual as organizações nacionalistas existentes usam as condições da *crise econômica* adjacente aos seus Estados para propagar os benefícios da independência

(como fazem os nacionalistas catalães, escoceses, padanos ou flamengos), lutam para transformar a *crise geopolítica* e as guerras numa oportunidade para a independência (como fazem os curdos no Iraque e os nacionalistas nas regiões de Donetsk e Luhansk na Ucrânia) e seguem a corrente dos movimentos sociais (ou seja, *crise social*) para obter maior autonomia e independência (como fizeram os nacionalistas na URSS no período de 1988 a 1992, os curdos em Rojava durante a recente Primavera Árabe da Síria, e Donetsk e Luhansk na sequência dos protestos da Maidan em 2014). Em regiões onde os Estados desenvolvimentistas entraram em colapso durante a atual era de financeirização, a legitimidade declinante dos regimes existentes aos olhos dos cidadãos também oferece às organizações nacionalistas várias oportunidades estruturais de mobilização. Se alguns desses movimentos lograrem estabelecer novos Estados, existe o potencial de se alastrarem especialmente aos Estados e regiões com alta concentração de SSNM. Uma perspectiva de *longa duração* do nacionalismo sugere que estamos vivendo uma época muito propícia para a rápida escalada da agitação nacionalista e para a reconfiguração do sistema interestatal que surgiu durante o longo século XX.

Ressurgimento de formas chauvinistas, excludentes e autoritárias de nacionalismo de Estado

Embora o escopo limitado deste artigo tenha se concentrado apenas nos efeitos da crise e do declínio hegemônico sobre o nacionalismo em busca de Estado, a abordagem teórica apresentada também pode nos ajudar a dar sentido ao súbito ressurgimento de formas agressivas, excludentes e expansionistas de nacionalismo de Estado nos últimos anos. O atual ressurgimento e a rápida proliferação de movimentos e líderes autoritários, populistas e chauvinistas de direita em todo o mundo, têm também as suas raízes na hegemonia declinante dos governantes. Esta tampouco é a primeira vez que experimentamos uma retomada tão rápida. Pelo contrário, durante cada crise hegemônica mundial e período de transição, formas hegemônicas de nacionalismo de Estado foram desmanteladas e abriram caminho para formas mais autoritárias, excludentes e chauvinistas de nacionalismo de Estado. A ascensão do bonapartismo durante a crise terminal da hegemonia mundial holandesa e a ascensão do fascismo durante a crise terminal da hegemonia mundial britânica são exemplos históricos diferentes de um mesmo processo. Hoje, ao entrarmos na crise terminal da hegemonia mundial dos EUA, os nacionalistas de direita estão ganhando poder em muitas partes do mundo.

Essa relação não é acidental porque a intensificação da crise econômica, política e social e o correspondente declínio na capacidade de consentimento dos governantes

também oferecem oportunidades para a ascensão de uma parcela dos nacionalistas de Estado que recorrem mais à coerção que ao consentimento. Dado que as *conjunturas contenciosas* tornam muito difícil para os governantes manter sua hegemonia sobre *todas* as pessoas, torna-se atrativo para setores da elite governante mobilizar *uma determinada parcela* do povo (por exemplo, grupos raciais, étnicos, religiosos ou baseados em classes) contra outras. Da mesma forma, a coescalada dos movimentos sociais antissistêmicos e as agitações nacionalistas em busca de Estado nesses períodos pressionam essas elites a adotar estratégias mais agressivas e autoritárias para manter seu poder. Quando levamos em consideração todas essas dinâmicas no seu conjunto, o caráter transformador desses períodos de crise intensa – como o que estamos vivendo neste momento – se torna mais explícito. São períodos de rápidas mudanças sociais, cuja direção depende das lutas reais no local.

Implicações para os padrões de governabilidade global

O quadro teórico e as conclusões deste artigo também trazem novas perspectivas sobre a evolução dos padrões de governabilidade global. Eles mostram que, ao contrário do sugerido pelas teorias de modernização política, a ascensão do nacionalismo não provocou uma transição gradual de um mundo de impérios e cidades-Estado para um mundo de Estados-nação. Mais precisamente, a ascensão do nacionalismo transformou o nosso mundo através de sucessivas ondas globais de revoltas nacionalistas que ocorreram durante *conjunturas contenciosas* do capitalismo histórico do século XVI até o presente. Essas ondas globais não só produziram uma série de mudanças significativas no panorama político-territorial do sistema interestatal, mas também transformaram as concepções existentes de nação e os conteúdos cultural e ideológico do nacionalismo. O exame dessas transformações está além do escopo deste artigo¹⁰. Deixe-me apenas mencionar que o conjunto de agitações nacionalistas durante as *conjunturas contenciosas* do capitalismo histórico produziu uma série de *destruições criativas* nos modos de governabilidade usados pelas elites estatais, porque cada onda global as pressionou a inventarem novas formas de estratégias de construção hegemônica que manteriam as populações leais aos seus Estados. Consequentemente, as nações e o nacionalismo transformaram-se no espaço e no tempo, em sincronia com as crises sistêmicas. Contudo, ao contrário do que geralmente tem sido afirmado, nenhum desses processos acabou estabelecendo Estados-nação homogêneos numa escala global. A maioria dos SSNM acabou estabelecendo mini-impérios que foram quase tão heterogêneos quanto aos que eles pertenciam antes da secessão.

¹⁰ Para uma análise destas transformações do século XIII até o presente, ver Karataşlı (2013).

As ondas globais de nacionalismo também desempenharam um papel fundamental na formação das ordens hegemônicas mundiais e dos regimes de governabilidade global. Ondas de nacionalismo em busca de Estado levaram à criação de novos Estados no sistema interestatal, e ciclos de nacionalismo de Estado proporcionaram aos Estados existentes maior domínio sobre a produção, proteção e administração, ou seja, maior poder político e econômico. Assim, as potências hegemônicas mundiais que buscavam liderar os demais Estados no sistema interestatal tiveram que, com o passar do tempo, expandir a sua esfera de influência para uma área mais ampla e controlar mais recursos que seus antecessores. É por isso que o aumento do tamanho, alcance e complexidade do sistema interestatal de uma onda global para outra (e de uma hegemonia mundial para outra) foi acompanhado pelo crescimento em tamanho, alcance e complexidade dos *hegemons* mundiais ao longo do tempo (ver também ARRIGHI, 1994). As Províncias Unidas eram um pouco mais do que um conjunto de cidades-Estado, mas ainda assim menos do que um Estado-nação. O Reino Unido – construído pela subjugação da Irlanda, Escócia, País de Gales, e assim por diante – era mais do que um típico Estado-nação que controlava um império comercial e territorial em escala mundial. No auge de seu poder hegemônico, os Estados Unidos eram um enorme complexo militar-industrial de tamanho continental sem precedentes, com redes informais de apropriação de excedentes de um império, e controle direto sobre uma rede global de bases militares. Nenhuma das potências hegemônicas mundiais eram Estados-nação. Todas elas combinavam elementos de formas nacionais e imperiais de governo.

Além disso, as diferentes formas pelas quais essas potências hegemônicas visavam conter os problemas nacionais em todo o mundo mudaram o caráter qualitativo de cada regime hegemônico mundial. É por isso que seria errado assumir que a dinâmica macroestrutural das hegemônias mundiais produz ondas globais de nacionalismo do topo para a base. De fato, a direção dessa relação sempre foi em sentido duplo. Desde o século XVI até o presente, os movimentos nacionalistas de base (juntamente com os movimentos sociais) moldaram ativamente o funcionamento da economia-mundo capitalista, do sistema interestatal e dos regimes hegemônicos mundiais. Os movimentos nacionalistas não foram apenas afetados pelas *conjunturas contenciosas*, mas tornaram-se um agente ativo desses ciclos viciosos. O recente ressurgimento de múltiplas manifestações de nacionalismo na nossa era – desde os SSNM exigindo autodeterminação e independência às formas de nacionalismo de Estado autoritárias, expansionistas e excludentes – deve ser interpretado a partir desta perspectiva. As lutas em curso locais não só redefinirão o tipo de relações que as pessoas terão diante de seus Estados e diante de outros grupos que residem nessas entidades políticas, mas também o tipo de mundo em que viveremos quando este caos tiver terminado.

Agradecimentos

O autor agradece Çınar Ark e Amanda Lawrence pela sua excelente assistência neste projeto. Ele também gostaria de agradecer a Beverly Silver, Mike Levien, Ryan Calder, Joel Andreas, Ho-Fung Hung, Rina Agarwala, Lingxin Hao, Andreas Wimmer, Şefika Kumral, Corey Payne, Rishi Awatramani, Zachary Levenson, Tad Skotnicki, Cindy Brooks Dollar, Ting Wang, Simeon Newman, Edwin Ackerman, Mathieu Desan, Eric Schoon, Jonah Stuart Brundage, Xiaohong Xu, Megan Mavrakis, David Smith e revisores anônimos do IJCS por seus comentários e feedback nas diferentes versões deste artigo.

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities*. Londres: Verso, 1991.
- ARRIGHI, Giovanni. *The long twentieth century*. Londres: Verso, 1994.
- ARRIGHI, Giovanni; HOPKINS, Terence; WALLERSTEIN, Immanuel. *Anti-systemic movements*. Londres: Verso, 1989.
- ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly J. *Chaos and governance in the modern world system*. Minneapolis, MN: Minnesota University Press, 1999.
- ARRIGHI CENTER. *Global Social Protest Research Group*. 2019. Disponível em: <<https://krieger.jhu.edu/arrighi/research/socialprotest/>>. Acesso em: 26 dez. 2021.
- BEISSINGER, Mark. *Nationalist mobilization and the collapse of the Soviet State*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- BERGESEN, Albert; SCHOENBERG, Ronald. Long waves of colonial expansion and contraction, 1415-1969. In: BERGESEN, Albert (Ed.). *Studies of the modern world-system*. Nova York: Academic Press, 1980. p. 231-278.
- BOSWELL, Terry. Colonial empires and the capitalist world economy: a time series analysis of colonization. *American Sociological Review*, v. 54, n. 2, p. 180-196, 1989. DOI: 10.2307/2095789
- BOSWELL, Terry; CHASE-DUNN, Christopher K. *The spiral of capitalism and socialism*. Boulder, CO: Lynne Rienner, 2000.
- BRAUDEL, Fernand. *Civilization and capitalism 15th-18th century*. Berkeley, CA: Califórnia University Press, 1992.
- BRECKE, Peter. *Catálogo de conflitos*. 2012. Disponível em: <<http://www.cgeh.nl/data>>. Acesso em: 14 abr. 2018.
- BREUILLY, John. *Nationalism and the State*. Chicago, IL: Chicago University Press, 1993.
- BRUBAKER, Rogers. *Nationalism reframed*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- CALHOUN, Craig. *Nationalism*. Minneapolis, MN: Minnesota University Press, 1997.
- CARR, Edward. *Nationalism and after*. Londres: Macmillan, 1945.
- CASTELLS, Manuel. *Power of identity, the information age*. Oxford: Blackwell, 2004.
- CHASE-DUNN, Christopher K.; KAWANO, Yukio; BREWER, Benjamin. Trade globalization since 1795: waves of integration in the world-system. *American Sociological Review*, v. 65, n. 1, p. 77-95, 2000. DOI: 10.2307/2657290
- CONNOR, Walker. Self-determination: the new phase. *World Politics*, v. 20, n. 1, p. 30-53, 1967. DOI: 10.2307/2009726
- DEUTSCH, Karl. *Nationalism and social communication*. Nova York: John Wiley, 1953.
- EARL, Jennifer et al. The use of newspaper data in the study of collective action. *Annual Review of Sociology*, v. 30, p. 65-80, 2004. DOI: 10.1146/annurev.soc.30.012703.110603
- FEARON, James; LAITIN, David. Ethnicity, insurgency, and civil war. *American Political Science Re-*

view, v. 97, n. 1, p. 75-90, 2003. DOI: 10.1017/S0003055403000534

FRANK, Andre G.; FUENTES, Marta. Civil democracy: Social movements in recent world history. In: AMIN, Samir *et al.* (Eds.). *Transforming the revolution*. Nova York: Monthly Review Press, 1990. p. 139-180.

FRANZOSI, Roberto. The press as a source of socio-historical data: issues in the methodology of data collection from newspapers. *Historical Methods*, v. 20, n. 1, p. 5-16, 1987. DOI: 10.1080/01615440.1987.10594173

GAT, Azar; YAKOBSON, Alexander. *Nações*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

GELLNER, Ernest. *Nations and nationalism*. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1983.

GLEDITSCH, Kristian; WARD, Michael. Interstate system membership. *International Interactions*, v. 25, p. 393-413, 1999.

GO, Julian. *Patterns of empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

GOERTZ, Gary; MAHONEY, James. *A tale of two cultures*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2012.

GOLDSTONE, Jack. Waves of war. *Trajectories*, v. 26, n. 1, p. 71-84, 2014.

GRAMSCI, Antonio. *Selections from the prison notebooks*. Nova York: International Publishers, 1971.

GURR, Ted. Why minorities rebel. *International Political Science Review*, v. 14, n. 2, p. 161-201, 1993. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/1601151>>. Acesso em: 27 dez. 2021.

HAAS, Ernst. What is nationalism and why should we study it? *International Organization*, v. 40, p. 707-744, 1986. DOI: 10.1017/S0020818300027326

HECHTER, Michael. *Alien rule*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

HECHTER, Michael. *Containing nationalism*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

HEWITT, Christopher; CHEETNAM, Tom. *Encyclopedia of modern separatist movements*. Nova York: ABC-CLIO, 2000.

HIRSCHMAN, Albert. *Exit, voice, loyalty*. Cambridge: Harvard University Press, 1970.

HOBSBAWM, Eric. *Nations and nationalism since 1780*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

HUTCHINSON, John. *Nations as zones of conflict*. Londres: Sage, 2005.

KALDOR, Mary. Nationalism and globalization. *Nations and Nationalism*, v. 10, n. 1-2, p. 161-177, 2004. DOI: 10.1111/j.1354-5078.2004.00161.x

KARATAŞLI, Şahan S. The capitalist world-economy in the longue durée. *Sociology of Development*, v. 3, n. 2, p. 163-195, 2017. DOI: 10.1525/sod.2017.3.2.163

KARATAŞLI, Şahan S. *Financial expansions, hegemonic transitions and nationalism: a longue duree analysis of state-seeking nationalist movements*. 2013. 508 f. Dissertação (Doutorado em Filosofia) – Johns Hopkins University, Baltimore, MD, 2013.

KAUP, Brent; GELLERT, Paul. Cycles of resource nationalism: hegemonic struggle and the incorporation of Bolivia and Indonesia. *International Journal of Comparative Sociology*, v. 58, n. 4, p. 275-303, 2017. DOI: 10.1177/0020715217714298

LACHMANN, Richard. *States and power*. Cambridge: Polity Press, 2010.

LÊNIN, Vladimir. Imperialismo, a etapa superior do capitalismo. In: LÊNIN, Vladimir. *Obras selecionadas*. Moscou: Edições Progresso, 1963. v. 1, p. 667-766.

MCADAM, Doug. *Political process and the development of black insurgency*. Chicago, IL: Chicago University Press, 1982.

MCNEILL, William. *Polyethnicity and national unity in world history*. Toronto, ON: Toronto University Press, 1986.

MADDISON, Angus. *The world economy*. Paris: OCDE, 2003.

MANN, Michael. A political theory of nationalism and its excesses. In: PERIWAL, Sukumar (Ed.). *Notions of nationalism*. Budapest: Central European University, 1995. p. 44-64.

MARKOFF, John. *Waves of democracy*. Thousand Oaks, CA: Pine Forge, 1996.

MARTIN, William. *Making waves*. London: Paradigm Press, 2008.

MAYALL, James. Irredentist and secessionist challenges. In: HUTCHINSON, John; SMITH, Anthony (Eds.). *Nationalism*. Oxford: Oxford University Press, 1994. p. 269-279.

MEYER, John *et al.* World society and the nation-state. *American Journal of Sociology*, v. 103, n. 1, p.

144-181, 1997. DOI: 10.1086/231174

MILTON, Cynthia. *The many meanings of poverty*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2007.

MINAHAN, James. *Encyclopedia of stateless nations*. Westport, CT: Greenwood Press, 2002.

OLZAK, Susan. *The global dynamics of racial and ethnic mobilization*. Stanford, CA: Stanford University Press, 2006.

PHILLIPS, Peter; WALLERSTEIN, Immanuel. National and world identities and the interstate system. *Millennium*, v. 14, n. 2, p. 159-171, 1985. DOI: 10.1177/030582988501400201

ROEDER, Philip. *Where nation-states come from*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2007.

SHORTER, Edward; TILLY, Charles. *Strikes in France, 1830-1968*. Cambridge: Cambridge University Press, 1974.

SILVER, Beverly J. *Forces of labor*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

SILVER, Beverly J. Labor unrest and world-systems analysis. *Review*, v. 18, n. 1, p. 7-34, 1995. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/40241319>>. Acesso em: 27 dez. 2021.

SILVER, Beverly J.; ARRIGHI, Giovanni. The end of the long twentieth century. In: CALHOUN, Craig; DERLUGUIAN, Georgi (Eds.). *Business as usual*. New York: NYU Press, 2011. p. 53-68.

SILVER, Beverly J.; SLATER, Eric. The social origins of world hegemonies. In: ARRIGHI, Giovanni; SILVER, Beverly J. (Eds.). *Chaos and governance in the modern world system*. Minneapolis, MN: University of Minnesota Press, 1999. p. 151-216.

SINGER, J. David. Reconstructing the correlates of war dataset on material capabilities of states, 1816-1985. *International Interactions*, v. 14, p. 115-132, 1987. DOI: 10.1080/03050628808434695

SKOCPOL, Theda. *States and social revolutions*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

SMITH, Anthony. *Nations and nationalism in a global era*. Cambridge: Polity Press, 1995.

SMITH, Anthony. *Theories of nationalism*. New York: Harper & Row, 1971.

STRANG, David. Global patterns of decolonization, 1500-1987. *International Studies Quarterly*, v. 35, n. 4, p. 429-454, 1991. DOI: 10.2307/2600949

TILLY, Charles. States and nationalism in Europe 1492-1992. *Theory and Society*, v. 23, p. 131-146, 1994. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/657814>>. Acesso em: 27 dez. 2021.

TILLY, Charles. *European revolutions 1492-1992*. Oxford: Blackwell, 1993.

TILLY, Charles. *Coercion, capital, and European States, AD 990-1990*. Cambridge: Blackwell, 1990.

TILLY, Charles. *From mobilization to revolution*. Reading: Addison-Wesley, 1978.

VAN DEN BERGHE, Pierre L. *The ethnic phenomenon*. London: Praeger, 1987.

VARSHNEY, Ashutosh; TADJOEDDIN, Mohammad; PANGGABEAN, Rizal. Creating datasets in information-poor environments. *Journal of East Asian Studies*, v. 8, p. 361-394, 2008. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/23418631>>. Acesso em: 27 dez. 2021.

WALLERSTEIN, Immanuel. The construction of peoplehood. In: WALLERSTEIN, Immanuel; BALIBAR, Étienne (Eds.). *Race, nation, class*. London: Verso, 1991. p. 71-85.

WALLERSTEIN, Immanuel. Nationalism and world transition to socialism: is there a crisis? *Third World Quarterly*, v. 5, n. 1, p. 95-102, 1983. DOI: 10.1080/01436598308419681

WALLERSTEIN, Immanuel. *The modern world-system I*. New York: Academic Press, 1974.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Africa: the politics of independence*. New York: Vintage, 1961.

WILKINSON, Steven. *Votes and violence*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

WIMMER, Andreas. *Waves of war*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

WIMMER, Andreas; CEDERMAN, Lars-Eric; MIN, Brian. Ethnic politics and armed conflict. *American Sociological Review*, v. 74, n. 2, p. 316-337, 2009. DOI: 10.1177/000312240907400208

WIMMER, Andreas; FEINSTEIN, Yuval. The rise of the nation-state across the world, 1816 to 2001. *American Sociological Review*, v. 75, n. 5, p. 764-790, 2010. DOI: 10.1177/0003122410382639

WIMMER, Andreas; MIN, Brian. From empire to nation-state. *American Sociological Review*, v. 71, p. 867-897, 2006. DOI: 10.1177/000312240607100601